



Revista Linguística Rio

Volume 1, Número 2, 2015

ISSN 2358-6826

Editores

Thiago Oliveira da Motta Sampaio

Isabella Lopes Pederneira

Nathacia Lucena Ribeiro

André Felipe Cunha Vieira

Conselho Editorial

Prof. Dr. Anieli Improta França

Priscilla Thaiss de Medeiros

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Programa de Pós Graduação em Linguística

A revista Linguística Rio é uma revista online dedicada ao corpo discente do Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Endereço eletrônico:
www.linguisticario.weebly.com

Endereço para correspondências:
Av. Horácio Macedo, s/n, Faculdade de Letras – UFRJ, sala F321,
Cidade Universitária, Rio de Janeiro/RJ, CEP: 21.941-598

SOBRE A REVISTA: A Revista LinguísticaRio foi idealizada em março de 2014 junto com os Seminários Permanentes do Programa de Pós Graduação em Linguística da UFRJ e fundada em abril do mesmo ano.

Após as mudanças no Programa para o ano de 2015, a Revista assume o modelo de Working Papers, buscando divulgar e discutir os projetos desenvolvidos pelos pós graduandos do Programa.

A proposta inicial prevê publicações semestrais de trabalhos que sigam as linhas de pesquisa do Programa de Pós Graduação em Linguística da UFRJ, a saber :

- Linha 1:** Gramática na Teoria Gerativa
- Linha 2:** Estudo das Línguas Indígenas Brasileiras
- Linha 3:** Modelos Funcionais Baseados No Uso
- Linha 4:** Linguagem, Mente e Cérebro
- Linha 5:** Tecnologia e Inovação em Linguística
- Linha 6:** Variação e Mudança Linguística

REVISTA LINGÜÍSTICA RIO, VOLUME 1, NÚMERO 2

ISSN 2358-6826

Publicado: 26 Janeiro de 2015
Programa de Pós Graduação em Linguística
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Saiba mais sobre o Programa de Pós Graduação em Linguística da UFRJ:
<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/>

SUMÁRIO

	Editorial	01
1	ENTREVISTA: José de Moraes <i>Thiago Oliveira da Motta Sampaio</i>	04
2	Os verbos psicológicos do Português do Brasil <i>Jannine Vieira Soares</i>	09
3	O redobro de pronomes no Crioulo Guineense <i>Pollyanna Pereira de Castro</i>	16
4	Estudo da fala conectada na região metropolitana do Rio de Janeiro <i>Jamille Vieira Soares</i>	24
5	Metáfora e Metonímia: estratégias discursivas nas construções das manchetes jornalísticas <i>Flávia Clemente de Souza</i>	33
6	Quantificação nominal em Karajá: Estudo experimental do distributivo sohoji-sohoji <i>Cristiane Oliveira</i>	42
7	Sobre o quedê da Yonne <i>Carta-poema de Miriam Lemle – Homenagem a Yonne Leite</i>	52

O ano de 2014 foi especial para o corpo discente do Programa de Pós Graduação em Linguística da UFRJ. Nele os Pós Graduandos tiveram um pouco mais de voz no Programa. Foi um ano em que pudemos conhecer melhor uns aos outros, tanto pessoalmente quanto academicamente. Os *Seminários Permanentes* nos deram a oportunidade de discutir nossos trabalhos e também de sair de nossa zona de conforto, aprendendo um pouco mais sobre cada uma das outras linhas de pesquisa ao longo dos últimos dois períodos de maior convivência e de boas discussões. Obviamente, como todo projeto em fase inicial, tivemos imprevistos durante o ano, culminando em algumas falhas. Infelizmente, isso resultou na anulação do seu status de seminário oficial ao final do ano letivo. Apesar de tudo, ficou a experiência e a certeza de que os Pós Graduandos de nosso Programa têm maturidade e responsabilidade para assumir uma posição mais ativa na vida de nossa Universidade. E uma das evidências é o lançamento da Revista Linguística Rio.

Após sete meses de preparação, o primeiro número da revista foi disponibilizado online no dia 25 de Setembro de 2014. Um mês depois, a revista teve seu lançamento oficial no dia 23 de Outubro. Na ocasião, contamos com a presença do Professor José de Moraes, da Universidade Livre de Bruxelas, que nos presenteou com a palestra: *A leitura hábil e seu impacto na Percepção e na Cognição*. Das seis linhas de pesquisa existentes no Programa, cinco estiveram presentes naquele número, sendo quatro squibs e uma entrevista com nossa professora Maria Luiza Braga.

Quatro meses depois, é o momento de dar prosseguimento a este trabalho. Primeiramente, gostaríamos de informar que a Comissão Editorial esteve trabalhando neste período para prosseguir nossa série de entrevistas. Acreditamos que ouvir a voz dos pesquisadores mais experientes é de extrema importância para inspirar e motivar nossos futuros linguistas. A primeira entrevista de 2015 ficou a cargo da editora **Isabella Pederneira** com nossa professora **Miriam Lemle**. Esta entrevista foi gravada em vídeo e pode ser encontrada na página inicial do nosso site. Já a entrevista escrita a ser publicada neste segundo número da revista foi realizada pelo editor **Thiago Motta Sampaio** que conversou com o

professor **José de Moraes**. Psicólogo de formação, José é atualmente professor e pesquisador da Universidade Livre de Bruxelas na Bélgica, onde coordena projetos relacionados ao letramento. Por esta razão, José é frequentemente consultado por políticos e educadores de diversos países, incluindo o Brasil, para o desenvolvimento de políticas de ensino.

O trabalho obviamente não ficou apenas por conta dos editores. Neste mesmo período, ao menos cinco Pós Graduandos também trabalharam bastante. Recebemos seis submissões para este número dos quais apenas cinco estão, neste momento, prontos para a publicação. Abriremos este número com uma série de trabalhos com orientações na linha de Gramática na Teoria Gerativa. No primeiro squib desta edição, **Jannine Vieira Soares** utiliza como base teórica o modelo da Morfologia Distribuída para nos apresentar a uma proposta de decomposição dos eventos psicológicos em estruturas de eventos. Em seguida, **Pollyanna Pereira de Castro** apresenta uma análise do redobro pronominal do Crioulo Guineense em construções A-barra e em sentenças subordinadas.

Na área da Fonologia, **Jamille Vieira Soares** nos apresenta a nova abordagem no estudo da fala conectada. Em sua pesquisa, a autora utiliza uma análise fonética experimental para tratar do fenômeno do sândi vocálico externo na fala da região metropolitana do Rio de Janeiro. Em seguida, mudamos o foco para os Modelos Funcionais Baseados no Uso com o squib de **Flávia Clemente de Souza**. Neste trabalho, Flávia realiza um estudo diacrônico dos processos de metáfora e metonímia nas capas de jornais, evidenciando que as construções utilizadas nos títulos das matérias não são realizadas de forma aleatória.

Para fechar este segundo número, **Cristiane Oliveira** nos traz o primeiro trabalho transversal da revista. Seu projeto, alocado nos Estudos das Línguas Indígenas Brasileiras, possui fortes base e metodologia psicolinguística, o que permite que também seja alocado na linha de Linguagem, Mente e Cérebro. Sua pesquisa nos traz dois experimentos piloto offline cujos resultados parecem desafiar as atuais descrições do numeral distributivo *sohoji-sohoji* proposto nos estudos da língua Karajá.

Ao final desta edição, gostaríamos de lamentar a recente e profunda perda que tivemos com o falecimento da Professora **Yonne de Freitas Leite** no último 22 de dezembro. A carreira de Yonne se iniciou na UFRJ onde se graduou em Letras

Neolatinas em 1957. Seu doutorado foi concluído em 1976 na University of Texas at Austin. Após voltar ao Brasil, Yonne deixou sua marca na linguística nacional ao ser uma das fundadoras dos estudos das línguas indígenas brasileiras, com a influência do Summer Institute of Linguistics¹. Especialista nas línguas da família Tupi-Guarani, que estudou por mais de 40 anos, seu trabalho de excelência seria consagrado com a presidência da ABRALIN entre 1979 e 1981, e com prêmios como a medalha Oscar Nobling de honra ao mérito linguístico e filológico em 1976 e a Comenda Nacional do Mérito Científico em 2002.

Nesta edição, a Revista Linguística Rio abre espaço para a publicação de um poema-carta escrito pela Professora Miriam Lemle, que acompanhou toda a carreira da professora Yonne Leite, desde seus primeiros dias no Museu Nacional e da criação do primeiro programa de pós graduação em linguística do país.

Ao fim desta rápida apresentação, gostaríamos de agradecer a todos que colaboraram de alguma forma com a revista, como aos autores que submeteram seus trabalhos e a todos os pareceristas que nos auxiliaram na edição e avaliação da revista. E especialmente, gostaríamos de agradecer a Yonne Leite por tudo o que fez pelo nosso programa e pela linguística no Brasil. Temos certeza que Yonne será eternamente fonte de inspiração para todos nós.

Os Editores

¹ Ver entrevista com Miriam Lemle na página inicial da Linguística Rio <www.linguisticario.weebly.com>

Entrevista
José de Moraes
(Universidade Livre de Bruxelas)
Thiago Oliveira da Motta Sampaio



Foto: Thiago Motta Sampaio

Primeiramente, a Revista Linguística Rio gostaria de agradecer a disponibilidade de José de Moraes para nos conceder esta entrevista. A título de apresentação, José é Psicólogo de formação e atua como professor e pesquisador na Universidade Livre de Bruxelas na Bélgica, onde coordena projetos relacionados ao letramento. Por esta razão, José é frequentemente consultado por políticos e educadores de diversos países, incluindo o Brasil, para o desenvolvimento de políticas de ensino. Por trabalhar com neurociência e estar bastante envolvido com educação e letramento, acreditamos que José de Moraes é a pessoa certa para nos trazer sua experiência sobre questões relativas a interdisciplinaridade e questões políticas envolvendo a educação.

No Brasil, o termo *Ciências Cognitivas* não possui a mesma força que, ao menos pra mim, parece possuir em outros países como na França onde estive estagiando há algum tempo. Puxando um pouco pra minha linha de pesquisa, na verdade é bastante curioso que por mais que tenhamos um laboratório de Neurociência da Linguagem no prédio da Letras, no senso comum, se fazemos Linguística somos relacionados à área de Letras e Artes; Se trabalhamos com Neurociências somos relacionados à área da Saúde. Mas se fazemos Neurociência da Linguagem, já é algo inconcebível para muita gente, afinal é algo que não é exatamente Saúde, nem Letras... e no fim do dia acaba sendo interpretado como Psicologia por falta de uma "área de concentração", afinal é o que temos de mais próximo de uma área de Ciências Cognitivas aqui no Brasil.

Em seu trabalho aqui no Brasil, você já teve algum problema com essa tendência a encapsular as áreas de conhecimento?

Sobre o encapsulamento das áreas do conhecimento, tenho realmente verificado esta tendência. Porém, ela não é exclusiva do Brasil. Há poucos dias estive em uma reunião da comissão de avaliação de projetos de psicologia da Bélgica francófona e também notei que há uma tendência ao encapsulamento nestes projetos. Esta tendência não é só da Fundação de pesquisa, mas também das pessoas que apresentam os projetos. Onde talvez eu mais claramente tenha encontrado isso pode ter sido na comissão científica do SHS (Ciências Humanas e Sociais) na França, que inclui muitas disciplinas. A tendência é as pessoas das humanidades e das ciências sociais se fecharem relativamente àquilo que tem ligação com as ciências da vida, como por exemplo os estudos da consciência, tanto na Neurociência quanto nas Ciências Cognitivas, seja na cognição humana ou na cognição animal, embora a compreensão desse objeto de pesquisa e de muitos outros fosse certamente beneficiada por estudos que combinassem as perspectivas e as metodologias de diversas disciplinas. Acontece que muitos dos projetos apresentados tendem a jogar estes temas, não para fora das ciências humanas e sociais, mas para as fronteiras. Eles os jogam por motivos relacionados às exigências das instituições que distribuem os fundos e às demandas de financiamento dos candidatos.

Quais seriam suas sugestões para que possamos atingir uma maior interação entre as áreas do conhecimento?

Na verdade me parece que seria mais interessante que, ao invés de haver essa competição e concorrência, houvesse mais procura de estabelecer pontos em comum e criar projetos na interseção entre as áreas. Para isso seria preciso ultrapassar a atuação de defesa, que parece ter origem no receio relativamente ao outro. Este receio conduz a uma situação de competição que contrariam possíveis colaborações. Não é fácil dar sugestões. Talvez esta: que cada um procure refletir de maneira sistemática e precisa sobre como melhorar a qualidade da sua contribuição à ciência. Quem está seguro de seu trabalho, da contribuição que pode dar, não tem medo de colaborar com parceiros igualmente seguros de si, vindos de outras disciplinas. Isto parece uma receita de psicólogo mas é justa. Não se trata de criar uma ilusão de competência para poder colaborar sem receio, trata-se de ser competente mesmo.

Ao observar o seu trabalho, percebo que você tem uma atenção especial à aplicação do conhecimento científico na vida prática, no caso utilizando-o como 'tecnologia' para auxiliar as políticas de alfabetização. Mas mais do que isso, você traz estes conhecimentos à tona ao mesmo tempo que integra conhecimentos de áreas distintas em um objetivo comum. Para você, qual a importância deste

trabalho de aplicação?

Na verdade meu interesse principal ainda é a pesquisa fundamental. A questão da aplicação veio depois. Me pediram pra escrever um livro sobre leitura, até esse momento eu não tinha me debruçado sobre questões de aplicação, mas esse livro seria muito interessante para o público em geral, e seria publicado por uma editora francesa com muita difusão, a Odile Jacob. Então aceitei fazer o *L'Art de Lire* (Arte de Ler) que teve uma influência enorme na minha vida. Ele acabou fazendo sucesso, fiquei conhecido do Ministério de Educação e fui convidado a fazer parte do Observatório Nacional da Leitura. E assim acabei por estar implicado nas questões da aplicação. Começou então um novo aspecto da minha vida acadêmica mas minha orientação de pesquisa continua sendo fundamental.

Ainda assim, apesar do meu gosto e prazer principal ser a pesquisa fundamental, penso que nós, os “fundamentalistas”, temos algumas obrigações. Se adquirimos conhecimentos sobre coisas da mente que podem ser utilizadas para melhorar a educação, é nossa responsabilidade comunicar esses conhecimentos às pessoas que tomam decisões sobre educação e aos educadores. Tudo isso conduz a uma questão que é: para sabermos qual a influência da literacia na educação e no processamento da linguagem, vamos precisar estudar o que acontece quando alguém se alfabetiza, por exemplo, na idade adulta. Por essa razão estou envolvido na criação de um curso de alfabetização que seja coerente com aquilo que sabemos sobre o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Claro que nosso estudo pode ter consequências na educação, e espero que venha a ter, mas o nosso objetivo principal, enquanto pesquisadores – não de ouro mas de ciência, que para nós é paixão mais forte –, é examinar como o cérebro é ativado ao longo deste processo.

Por exemplo, em uma de nossas pesquisas que estamos começando, examinamos como funciona o cérebro antes da aprendizagem da escrita. A aprendizagem, essa, está prevista para durar três meses. Durante este tempo, vamos verificar como funciona o cérebro dos voluntários quando lhes são apresentados estímulos escritos e outros, tais como faces, que têm uma representação cerebral muito próxima da das palavras escritas, para enfim comparar o seu funcionamento antes e ao longo desses meses com o estágio final da aprendizagem: portanto, antes, durante e depois. Trabalhando para alcançar este objetivo, estamos ao mesmo tempo criando instrumentos que podem ter uma aplicação prática.

Para você como um Psicólogo que trabalha com Psicologia e com a Neurociência para entender mais sobre a Linguagem em especial sobre a alfabetização, como seria possível ajudar a nossa educação que tem recebido índices tão alarmantes de proficiência de leitura?

Podemos fazer muita coisa para ajudar a Educação. É uma das razões que me têm feito vir tantas vezes ao Brasil. Agora a ideia é justamente de transmitir, na medida do possível, alguns desses conhecimentos, não apenas aos cientistas mas também aos professores do ensino primário. Eu tenho colaborado com gente que está claramente com o objetivo de ajudar a melhorar a alfabetização. No Brasil tem havido muitas tentativas para mudar a situação da leitura. Só que está demorando tempo demais. Mas temos de ajudar e não ter medo de agir. Insisto na expressão ‘*medo de agir*’. Não é fácil agir quando pensamos que existe uma espécie de doutrina sobre o ensino da leitura e da escrita que, não tendo a menor fundamentação científica, foi aceita pelo Ministério e agora é doutrina

oficial. E muita gente tem medo de ir contra o que é oficial, contra a autoridade. Ora a única autoridade que temos de respeitar é o que pensamos depois de termos analisado tudo muito bem, incluindo o que a ciência tem mostrado. Tenho criticado muito os documentos do Ministério com orientação pedagógica para os professores porque me parece que neles há um desconhecimento total da ciência. Na Universidade, vejo gente disposta a dizer coisas na direção de mudar a educação, mas que as vezes tem um certo medo de agir, e isso é compreensível. A pressão da ideologia oficial é muito forte! Não podemos aceitar essa pressão porque todas as ideias podem ser discutidas e devem ser discutidas. E se quisermos melhorar a Educação devemos criar liberdade para a discussão destas ideias.

Após estes dez anos de formação, eu ainda desconheço este termo ‘Ciência da Leitura’, poderia falar um pouco mais sobre o assunto?

Sim, existe uma Ciência da leitura e conta com muitos autores no mundo. Eu contribuí há uns nove anos para um livro que se chama *The Science of Reading Handbook* (Cadernos da Ciência da Leitura). Na realidade ela não existe como disciplina, mas tem havido uma convergência de várias disciplinas para estudar a leitura e, por isso, se fala hoje em uma Ciência da Leitura. E tudo isso que tem sido feito com métodos científicos sobre a leitura ainda é desconhecido de muitos universitários, mesmo quando se ocupam da linguagem e até da leitura. Volto aos documentos do Ministério. Se eles citassem e discutissem corretamente os argumentos estaria tudo bem, mas a malandrice é que eles ou ignoram completamente os trabalhos da Ciência da Leitura, ou os deturpam. Ainda assim, acredito que a questão da Educação ainda vai dar certo.

Esta revista da qual você está participando é o resultado de seis meses de reuniões semanais entre os alunos das seis linhas de pesquisa do Programa. Apesar das adversidades, essa iniciativa pioneira de alguns alunos nem sempre tem a adesão do Programa como um todo. Que conselho você poderia nos dar para que a gente consiga uma maior mobilização em torno das reuniões e também da revista ?

Minha primeira reação a esta pergunta é: eu sou incapaz de dar tais conselhos. Acredito que vocês saberão o que fazer. E se por acaso tiverem dúvidas, vão descobrir o que fazer ao longo do caminho, que ainda é a melhor maneira de chegarmos aos nossos objetivos.

Pensando um pouco melhor, meu conselho seria o de não afunilar. Alarguem a perspectiva interdisciplinar. Tratando e abarcando vários aspectos abordados em nossa conversa. Abram espaço para assuntos relacionados a Cognição, a Linguagem e a Educação. Acho que estes três temas podem reunir muitas pessoas, sejam linguistas sejam os não linguistas interessados em linguagem. Mas certamente irá atrair muitos linguistas e será realmente muito interessante. Alarguem em termos do objeto, e também nos termos das relações entre estes objetos. Se eu pudesse dar um conselho, seria este.

Para terminar, você gostaria de dar alguma palavra ou conselho para os futuros mestres e doutores em Linguística da UFRJ?

O estudo da Linguagem em todos os seus aspectos é muito excitante! É preciso sentir profundamente aquilo que nós estudamos. Se não for assim é melhor desistir e mudar de área. Quando fazemos o que gostamos de fazer, sentimos uma coisa extraordinária e excitante, que queremos saber cada vez

mais para podermos acrescentar algo ao conhecimento da área. Acho que isso é fundamental para determinar se é isso o que devemos fazer ou não.

Não importa o que escolhemos pesquisar, mas tem ser através dos métodos científicos. Repare que por métodos científicos eu não quero dizer que devemos necessariamente usar os equipamentos mais precisos que existem, pois isso muda com o tempo, numa velocidade estonteante. Os paradigmas também mudam e aparecem outros. Quando aparece algo novo, os equipamentos e paradigmas antigos se tornam ultrapassados. O que é verdadeiramente essencial no método científico é o que seria melhor traduzido pelo termo '*démarche*' em francês, que neste caso tem a ver com a condução da verificação. Nós sempre iniciamos nossos trabalhos elaborando uma hipótese com base no conhecimento adquirido e descrito na literatura. Buscamos dissecar e analisar completamente o nosso objeto e então o grande problema passa a ser o como proceder para verificar aquela hipótese. Isso é geral a todas as ciências: pensar em uma situação que nos permitam verificar a nossa hipótese. Depois, devemos pensar em quais as previsões que podemos fazer dada esta hipótese. Acho que é sempre preciso refletir sobre o processo de verificação de hipóteses e também refletir se estamos aplicando corretamente este processo de verificação. O resto passa a ser uma mera (mas às vezes complicada) questão de tratamento de dados.

Isso tudo é importante, mas digamos que esta é a ideia fundamental: a ciência começa quando colocamos uma questão. A partir de então pensamos numa hipótese. Depois, num processo de verificação de hipótese e, feita a análise dos dados, logo voltamos para a questão, visto que os resultados podem vir a mostrar que nós não nos dirigimos à questão da maneira correta. A ciência trabalha com uma sucessão de questões, no meio a gente tem que trabalhar, pensar, verificar, construir algo para verificar. Esta verificação nem sempre é experimental mas muitas vezes é. Mas os verdadeiros marcos no caminho da ciência não são os resultados, mas sim as questões e as subquestões sucessivas que a gente vai colocando. *A Ciência é isso, conseguir colocar novas questões*. O resto deixa de ter interesse pois a gente já sabe, já não é tão excitante.

Acho que isso é essencial transmitir para quem está começando e quer ser um futuro pesquisador. Colocar questões que são cada vez mais profundas e vão cada vez mais longe na nossa interrogação sobre o mundo, a natureza, a mente e a linguagem.

A Revista Linguística Rio agradece a atenção e a disponibilidade do Prof. José de Moraes para esta entrevista. Agradecemos a conversa, os esclarecimentos, e também os conselhos para os nossos futuros linguistas.

REFERÊNCIAS:

MORAIS, José de. *L'Art de Lire*. Paris : Éditions Odile Jacob 1994.

MORAIS, José de; KOLINSKY, Régine. Literacy and cognitive change. In: M. Snowling & Ch. Hulme (Eds.), *The Science of Reading : a Handbook*. Oxford : Blackwell. 2005

Os verbos psicológicos do Português do Brasil

Jannine Vieira Soares

RESUMO: Os verbos psicológicos do tipo objeto-experienciador são verbos que incluem em seu significado um estado mental (psicológico) que seu argumento interno passa a ter como decorrência de um evento causador relacionado. Tendo como arcabouço teórico a Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997, 2001), a proposta é tentar decompor tais verbos em uma estrutura de evento representada sintaticamente (RAMCHAND, 2003; PYLKKÄNEN, 2002; CUERVO, 2003; LIN, 2004; MARANTZ, 2007; HALE; KEYSER, 1993; etc.). Esses verbos apresentam certas propriedades sintáticas e semânticas, como por exemplo, permitirem paráfrases envolvendo nomes dos quais, com frequência, são morfologicamente derivados: *apavorar/causar pavor* e *animar/causar ânimo*. É possível que a raiz ou o nome de base em tais verbos nomeie estados psicológicos e que haja uma relação sintática e semântica (HALE; KEYSER, 1993), estabelecida por um morfema (um prefixo), entre o nome ou raiz que nomeia tal estado psicológico e o complemento do verbo, seu argumento interno. Defendemos que a estrutura morfológica possa dar alguma explicação (i) sobre como os verbos psicológicos selecionam seus argumentos e como eles são interpretados e (ii) que relação há entre a forma do verbo e a estrutura de evento com a qual ele está relacionado.

PALAVRAS-CHAVE: Verbos psicológicos; objeto-experienciador; sintaxe; estrutura de evento.

ABSTRACT: Object-Experiencer verbs include in their meaning a (psychological) mental state that its internal argument gets as a result of a related cause event. Assuming the theoretical framework of Distributed Morphology (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997, 2001), I try to decompose such verbs in a syntactically represented event structure (RAMCHAND, 2003; PYLKKÄNEN, 2002; CUERVO, 2003; LIN, 2004; MARANTZ, 2007; HALE; KEYSER, 1993; etc.). These verbs have certain syntactic and semantic properties: they allow paraphrases involving nouns from which they are often morphologically derived: *fear/cause fear*, *worry/cause worry*. It is possible that the root or base noun in such verbs denote psychological states and that there is a syntactic and a semantic relationships established by a morpheme (prefix), between the noun or root and the complement of the verb, its internal argument. We argue that the morphological structure can give us some explanation about: (i)

how the psychological verbs select their arguments and how they are interpreted and (ii) what relationship exists between the form of the verb and the event structure with which it is related.

KEYWORDS: psychological verbs; object experiencer; syntax; event structure.

Introdução

Os verbos psicológicos do tipo objeto-experienciador (doravante ObjExp) denotam um estado mental (ou psicológico) no referente de seu argumento interno; tradicionalmente, dizemos que o argumento interno recebe o papel temático de experienciador. Esses verbos têm recebido tratamentos diversos por apresentarem propriedades que os diferenciam dos demais verbos transitivos. Nossa proposta consiste em observar propriedades sintáticas e semânticas dos verbos psicológicos do tipo objeto-experienciador utilizando como fundamentação teórica a Morfologia Distribuída¹. Nossa intuição de falante será nossa fonte para a observação dos dados do Português do Brasil.

Uma das peculiaridades apontadas pela literatura para verbos que descrevem estados psicológicos de um modo geral é a alternância na posição sintática em que o argumento experienciador ocorre, isto é, o ser animado que experimenta o estado mental (ou psicológico) pode vir ora na posição de sujeito, ora como objeto direto, ora como objeto indireto. Observem-se os exemplos:

- (1) João teme a presença do leão.
- (2) A tempestade amedrontou a menina.
- (3) A palestra agradou aos participantes do evento.

Na sentença (1), o referente do sujeito experimenta um estado psicológico (temor do leão); na sentença (2), o referente do objeto direto é quem experimenta o “medo”; já em (3), é o objeto indireto quem se “agrada” com a palestra².

Os verbos psicológicos ObjExp podem ser associados a nomes de estados mentais. Por exemplo, amedrontar (medo), apavorar (pavor), atormentar

¹ Este trabalho é um resumo da minha dissertação de mestrado, defendida em 2014. Gostaria de agradecer à Capes que financiou a minha pesquisa durante o mestrado em Linguística, e à UFRJ (a equipe responsável pela organização desta revista) que me cedeu este espaço de discussão.

² Voltaremos, aqui, nossa atenção para os verbos psicológicos do tipo objeto-experienciador, sendo este um objeto *direto*, como no exemplo (2).

(tormento), aterrorizar (terror), animar (ânimo), etc. Também é comum permitirem paráfrases de frases com os verbos em questão envolvendo os nomes correspondentes, como os exemplos a seguir mostram:

(4) O filme apavorou a plateia.

(5) O filme causou pavor à plateia.

Isso pode ser observado, também, na estrutura morfológica de certos verbos: *a-pavor-ar*, *a-sust-ar*, *a-terror-izar* etc.

A proposta deste trabalho é tentar mostrar possíveis relações entre sua morfologia e propriedades sintático-semânticas apontadas na literatura. Tentaremos estabelecer uma possível estrutura de eventos associada a esta morfologia. De uma estrutura morfológica semelhante é natural que haja interpretação e comportamento sintático semelhantes. No entanto, procuramos mostrar que uma mesma morfologia pode trazer estruturas morfossintáticas subjacentes diferentes, e consequentemente, acarretam interpretação e comportamento sintático diferentes.

As abordagens de Idan Landau (2010) e Hale e Keyser (1993; 2002) servirão de base para esta proposta. De Landau, aproveitaremos a ideia de o experienciador ser visto como um lugar onde se dá ou acontece um estado psicológico. De Hale e Keyser (1993, 2002), a ideia de que um prefixo pode ser entendido como uma preposição incorporada dentro da estrutura de uma palavra. As propostas acima serão modificadas e adaptadas para o arcabouço teórico que considera possível haver estruturas subjacentes distintas para uma mesma representação morfofonológica: a Morfologia Distribuída.

1 Apresentação da proposta

As perguntas que nortearam nosso trabalho foram:

- (i) Como os verbos psicológicos selecionam seus argumentos e como eles são interpretados?

Baseados na proposta de Landau (2010), assumimos que o objeto-experienciador dos verbos psicológicos seja interpretado como um locativo³. Na

³ No trabalho de Landau (2010), o experienciador é interpretado como um lugar. Objetos experienciadores são, de fato, PPs locativos.

sentença, *A tempestade amedrontou a menina*, uma paráfrase possível envolve um nome de base e um objeto locativo:

A tempestade causou medo na menina.

estrutura locativa

- (ii) Que relação existe (se houver) entre a morfologia do verbo e a estrutura de evento associada a ele?

Verbos psicológicos do tipo ObjExp e verbos location/locatum possuem morfologia semelhante (prefixo mais nome de base). É o caso, por exemplo, de *apavorar* – prefixo *a-* e o nome de base *pavor*; *enraivecêr* – prefixo *en-*, e o nome raiva⁴; *etc.* E *engarrafar* – prefixo *en-* mais o nome de base *garrafa*; *acarpetar* – prefixo *a-*, nome *carpete*; *etc.*

Teorias como a Morfologia Distribuída (HALLE, MARANTZ, 1993; MARANTZ 1997, entre outros) assumem a existência de uma sintaxe no interior das palavras. Se assumirmos que a morfologia dos dois, que é semelhante, está indicando a mesma estrutura sintática subjacente, esperaríamos como consequência que os dois grupos tivessem o mesmo comportamento sintático. No entanto, isso não é verdade.

Uma propriedade sintática divergente entre os verbos psicológicos e os location/locatum é a possibilidade de construções com voz passiva em todos os verbos location/locatum:

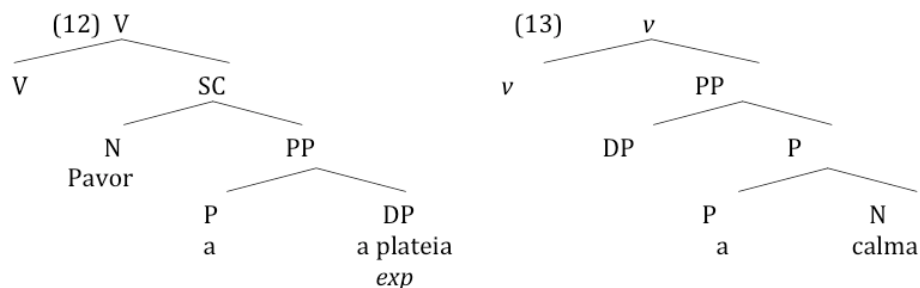
- (6) Os legumes foram encaixotados (pelo atendente).
- (7) O prisioneiro foi acorrentado na (cadeia).
- (8) O documento foi envelopado (pelo correio).

No entanto, em muitos verbos psicológicos a voz passiva fica comprometida:

- (9) *A mãe foi preocupada pela filha.
- (10) *O pai foi aborrecido pelo João.
- (11) *A criança foi apavorada pelos morcegos.

⁴ E um sufixo *-ec-*

Com base no que foi descrito acima, a nossa proposta considera a possibilidade de haver duas estruturas sintáticas subjacentes para os verbos psicológicos ObjExp, representadas abaixo:



No esquema arbóreo de número (12), o complemento de V será uma pequena oração (small clause - SC). O DP “a plateia” é o objeto-experienciador. Esse P é uma preposição, que atribui caso para o DP (a plateia). O prefixo *a-* se incorpora ao nome de base “pavor”. E depois dessa incorporação, (a + pavor) se movem para a posição de V, formando o verbo *apavorar*. V é um verbalizador com semântica estativa (o vizinho BE de Harley em vários trabalhos).

Sintaticamente, a ideia é de que haja uma preposição que se incorpora ao verbo e que seleciona e atribui caso ao objeto experienciador. Dessa relação da preposição com o complemento, forma-se uma estrutura locativa: **pavor na plateia**, por exemplo. Assim, o objeto é, de fato, indireto e o caso oblíquo, o que faz com que a passivização seja impossível ou marginal (?? a plateia foi apavorada pelo filme).

No componente morfológico, a preposição se incorpora ao verbo como um prefixo e vira parte do verbo. E a preposição, por ser incorporada ao verbo, faz com que na morfologia (*Morphological Structure*), o caso morfológico dos verbos do tipo objeto-experienciador transitivos diretos (classe 2 para Landau e Belletti & Rizzi) seja acusativo, ainda que, sintaticamente, o caso seja oblíquo (segundo LANDAU, 2010). Já a pronúncia será *verbo* mais *complemento*: **apavorar a plateia**.

Para alguns verbos psicológicos que não têm leitura psicológica (ver Landau, 2010), e, portanto, admitem voz passiva, como por exemplo, em (“a multidão foi acalmada pelo guarda”), proponho em (13) uma estrutura semelhante à de Hale & Keyser (2002) para os verbos do tipo locatum, com uma preposição indicando mudança de posse. Conforme já mencionado, temos como embasamento

teórico a Morfologia Distribuída. De Hale & Keyser (1993, 2002) adotamos a ideia de uma estrutura sintática interna aos itens aqui estudados que envolve uma preposição realizada por um prefixo. É importante ressaltar que o processo que faz a preposição ocorrer no verbo como um prefixo é um movimento morfológico e não sintático. Na Morfologia Distribuída, estrutura sintática alimenta a estrutura morfológica.

Com a nossa proposta, explicamos por que certos verbos psicológicos são estruturalmente ambíguos e, por isso, permitem duas leituras: agentiva e psicológica, como é o caso do verbo *acalmar*. A ideia é de que haja duas estruturas sintáticas subjacentes diferentes para tratar desses verbos. Na estrutura sintática subjacente estativa, o experienciador é visto como um locativo (ARAD, 1997; LAUDAU, 2010), introduzido pela preposição. Quando o verbo tem argumento externo agente, aceitará a passivização, e, segundo nossa proposta, terá uma estrutura sintática subjacente como a dos verbos location/locatum (exemplo 13).

Em outras palavras, uma estrutura morfológica pode ter duas estruturas sintáticas subjacentes distintas. Assim, mostramos que (1) apesar da semelhança morfológica, verbos location/locatum e verbos psicológicos constituem classes distintas, e (2) a leitura “psicológica” do verbo não decorre da existência de um argumento experienciador, no sentido discutido neste trabalho.

Considerações finais

Nossa pesquisa teve como objeto de estudo um grupo de verbos chamado de verbos psicológicos do tipo Objeto-experienciador e a estrutura de evento que supostamente subjaz a eles. A Morfologia Distribuída foi a teoria usada em nossa análise. Procuramos considerar os diversos trabalhos já existentes na literatura, e acreditamos que, com essa abordagem, nos aproximamos de uma explicação para as questões discutidas anteriormente.

As propostas de Landau (2010) e Hale e Keyser (1993, 2002) fundamentam o tratamento sintático dado aos verbos psicológicos do tipo objeto-experienciador. Explicamos diferentes propriedades desses verbos, como o fato de alguns terem interpretação ambígua (agentiva e estativa), mostrando que uma mesma morfologia verbal pode estar associada a duas estruturas sintáticas subjacentes,

além de certos comportamentos sintáticos específicos, como a resistência à passivização de muitos verbos do conjunto analisado.

REFERÊNCIAS:

BELLETTI, Adriana & RIZZI, Luigi. Psych Verbs and Theta Theory. *Natural Language and Linguistic Theory*, 6, p. 291-352, 1988.

BOUCHARD, Denis. *The semantics of syntax: A minimalist approach to grammar*. Chicago: University of Chicago Press. 1995

CANÇADO, Márcia. Uma aplicação da Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos: verbos psicológicos. *Revista GEL*. Número Especial: Em memória de Carlos Franchi. Eds. Altman C., M. Hackerott e E. Viotti. São Paulo: Humanistas/Contexto, 2002

CANÇADO, Marcia; GODOY, L. Representação lexical de classes verbais do PB. *Alfa*, São Paulo, 56 (1): 109-135, 2012

HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In Hale, K. and S. J. Keyser eds., *The View From Building 20*, Cambridge: the MIT Press, 53-109, 1993

_____. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge, the MIT Press, 2002

HALLE, M; MARANTZ, Alec. Some Key Features of Distributed Morphology, 1994

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. Distributed Morphology. *Glott International*, Volume 4, Issue 4, april 1999

LANDAU, Idan. *The locative syntax of Experiencers*. Cambridge: the MIT Press, 2010

LARSON, Richard K. On the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry*, 19, p. 335-391, 1988

MARANTZ, Alec P. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon, in A.Dimitriadis, L. Siegel et al., eds. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, vol. 4.2, *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, p. 201-225. 1997.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. *Traços Morfossintáticos e Subespecificação Morfológica na Gramática do Português: Um estudo das Formas Participiais*. Tese de Doutorado, UFRJ, 2008

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing Arguments*. Tese de doutorado, MIT, 2002

O redobro de pronomes no crioulo guineense

Pollyanna Pereira de Castro

RESUMO: Com base nos pressupostos teóricos da Teoria Gerativa e nos dados coletados junto a um falante nativo de crioulo dou prosseguimento à investigação sobre a questão do redobro de pronomes não somente nas construções A-barra, como também nas orações subordinadas. Além dessas questões também estou interessada em outros fatos gramaticais da língua que merecem investigação, como a constituição interna do Sintagma Complementizador (CP) e as construções traduzidas como passivas que não possuem características gramaticais de passivas em outras línguas naturais.

PALAVRAS-CHAVE: redobro de pronomes; Marcação Excepcional para Caso (ECM); CP cindido; voz passiva

ABSTRACT: Based on Generative Grammar and on the data collected from a native speaker of Guinea-Bissau Creole, I intend to continue the research on Pronoun Doubling, not only in A-bar constructions but also in Subordinate Clauses. In addition, I'm also interested in some other grammatical phenomena of the language, such as the internal structure of CP and the sentences that are usually translated as passives, but do not have the grammatical features found on passive constructions in other natural languages.

KEYWORDS: pronoun doubling; Exceptional Case Marking (ECM); split CP; passive voice

Introdução

A língua crioula de Guiné-Bissau (doravante CG) apesar de já estar bem descrita por Couto (1994), sob uma ótica estruturalista, apresenta vários aspectos gramaticais interessantes dos pontos de vista descritivo e teórico que ainda precisam ser investigados. Dentre esses aspectos, podemos citar: o redobro de pronomes em estruturas A-barra e em orações subordinadas e as construções traduzidas como passivas.

Na minha pesquisa de Mestrado, descrevi e investiguei o estatuto das construções de redobro de sujeito e de objeto em vários tipos de interrogativas, de construções de tópico e de foco. Esta pesquisa teve inicialmente uma natureza descritiva e focalizou a constituição interna do CP, à luz das projeções estabelecidas pelo projeto cartográfico de Rizzi (1997, 2004). Percebi que o redobro de pronomes pode ser obrigatório, opcional ou bloqueado, dependendo da estrutura A-barra envolvida. É obrigatório na topicalização do sujeito e do objeto direto. Não é permitido nas interrogativas de sujeito e de objeto direto e nas clivadas de sujeito. É opcional na interrogativa e na topicalização de objeto indireto e nas clivadas de objeto direto e indireto. Esses diferentes comportamentos dos pronomes resumptivos me levou a afirmar que há nessa língua construções A-barra- interrogativa, tópico e clivada (foco)- que são geradas por movimento sintático e outras geradas na base. Utilizando testes com ilhas sintáticas, propus que algumas estruturas A-barra não envolvem movimento. Ainda nessa pesquisa, foi possível fornecer evidências para a existência de quatro posições na periferia esquerda do CG: força, tópico alto, foco, tópico baixo e finitude.

Com base nos pressupostos teóricos da Teoria Gerativa e nos dados coletados junto a um falante nativo de CG, da etnia pepel, Eliseu, aluno da Faculdade de Letras da UFRJ, dou prosseguimento com a investigação sobre a questão do redobro de pronomes. Existem na literatura propostas de análise que identificam diferentes tipos de resumptivos. McCloskey (2006) (*apud* ASUDEH, 2007), por exemplo, sugere a existência de três tipos de resumptivos: os pronominais gerados na base, os *spell-outs* de vestígios e os usados para processamento sem função gramatical. Sendo assim, um dos meus questionamentos é saber quais destes tipos de resumptivos seriam representados em quais construções da língua? Nas construções traduzidas no Português como

de controle de objeto e de Marcação Excepcional para Caso (ECM), o redobro de pronomes também pode ser obrigatório, opcional ou bloqueado. Então, haveria uma correlação entre a manifestação do redobro nessas estruturas e nas construções A-barra?

Além dessas questões também estou interessada em outros fatos gramaticais da língua que merecem investigação, como as construções traduzidas como passivas que se assemelham à voz inversa e o estatuto informacional das projeções de tópico à direita e à esquerda de Foco. Que tipos de tópicos abrigam as projeções de TopP alta e baixa?

A seguir serão apresentadas as questões que constituem o tema de investigação do presente projeto.

1 A marcação de Caso em orações subordinadas

No CG, não há flexões nos verbos e tampouco marcas de caso morfológico nos DPs. Sendo assim, é difícil identificar se uma oração subordinada é finita ou infinitiva. Porém, através das formas pronominais, podem-se identificar as orações subordinadas infinitivas.

1.1 O redobro nas construções subordinadas: ECM ou controle de objeto?

Nas orações de controle de objeto, o objeto da oração principal é o antecedente do sujeito PRO da oração subordinada. Em CG, contudo, verbos como *fala* “dizer” e *pidi* “pedir” expressam fonologicamente tanto o objeto quanto o sujeito da oração subordinada. Os complementos desses verbos são introduzidos por meio do complementizador *pa*, conforme indicam os exemplos:

1. Bu fala-*n* pa *n* bai kasa
você dizer-me para eu ir casa
'Você me disse para eu ir (para) casa'
2. I pidi-*n* pa *n* studa ku el
Ele pedir-me para eu estudar com ele
'Ele me pediu para estudar com ele'

Verbos como *manda* “mandar” e *fasi* “fazer” atribuem caso acusativo ao argumento externo da oração subordinada, isto é visto pelo fato de que o clítico acusativo agregado ao verbo principal é obrigatório em tais construções:

3. El i fasi-*n* kumpra pon
ele ele fazer-me comprar pão
'Ele me fez comprar pão'
4. Nha pape manda-*n* kumpra pon
meu pai mandar-me comprar pão
'Meu pai mandou-me comprar pão'

Outra possibilidade de expressão dessas construções é a coocorrência do sujeito subordinado com o clítico acusativo. Nesses casos têm-se estruturas com aparente redobro de clítico

5. El i fasi-*n* *n*-kumpra pon
ele ele fazer-me eu-comprar pão
'Ele me fez eu comprar pão'
6. Nha pape manda-*n* *n* kumpra pon
meu pai mandar-me eu comprar pão
'Meu pai me mandou comprar pão'

Se o clítico acusativo for omitido, a sentença torna-se agramatical:

7. *El i fasi *n*-kumpra pon
ele ele fazer eu-comprar pão
'*Ele me fez comprar pão'
8. *Nha pape manda *n*-kumpra pon
meu pai mandar eu-comprar pão
'*Meu pai mandou-me comprar pão'

Acredito que as construções acima são do tipo ECM pelos seguintes fatos: (i) tem o clítico acusativo obrigatório associado ao sujeito da oração subordinada; e (ii) o sujeito do verbo subordinado em forma nominativa (posição pré-verbal) não pode ocorrer sozinho, sem o auxílio do clítico acusativo.

Sendo assim, pode-se sugerir que verbos como *manda* "mandar" e *fasi* "fazer" são regentes excepcionais para caso e atribuem caso acusativo ao argumento externo do verbo subordinado. Aí se explica a ocorrência obrigatória do clítico acusativo agregado ao verbo principal e a exclusão da expressão do sujeito subordinado sem a presença do clítico.

Existe um problema relacionado a tais construções: por que o clítico acusativo e o sujeito nominativo podem coocorrer. A minha hipótese inicial é de que a manifestação do sujeito nominativo seja um tipo de cópia dos traços do clítico acusativo que é argumento externo do verbo subordinado.

1.2 O redobro em construções A-barra

As interrogativas de sujeito e de objeto não admitem redobro:

9 a Ke ku abo bu kume?
o que que você você comer
'O que que você comeu?'

b. *Ke ku abo bu kume-l?

10 a kin ku kume fijen?
quem que comer feijão
'Quem que comeu o feijão?'

b. *kin ku el kume fijen?

O redobro é observado nos demais tipos de estruturas A-barra. Em alguns casos é opcional. Em outros, é obrigatório:

a) Redobro opcional:

As interrogativas, topicalizações e clivadas envolvendo PPs têm redobro opcional:

11 a. Pa kin ku bu da libru ?
para quem que você dar livro
'Para quem que você deu o livro?'

b. Pa kin ku bu da libru *pa el*?
para quem que 2SG dar livro para 3SG
'Para quem que você deu o livro para ele?'

Em (12), a palavra interrogativa não é precedida pela preposição e também pode ser redobrada através da estratégia de abandono de preposição:

12 a. kin ku bu da libru?
quem que você dar livro
'(Para) quem que você deu o livro?'

b. kin ku bu da libru *pa el*?
quem que você dar livro para ele
'(Para) quem que você deu o livro para ele?'

Essas mesmas estratégias são observadas nas relativas do CG:

13 a. Jon kungsi badjuda ku Paulo dá anel?
João conhecer moça que Paulo dar anel
'João conheceu a moça que o Paulo deu anel'

b. Jon kungsi *badjuda* ku Paulo dá anel *pa el*?
João conhecer moça que Paulo dar anel para ela
'João conheceu a moça que o Paulo deu anel para ela'

Observando esses exemplos, pode-se inquirir sobre como se dá a derivação de estruturas sem a preposição, como em (12) e (13). Não parecem envolver movimento. Além disso, em casos como (11b), qual seria o estatuto do pronome redobrado: pronome resumptivo gerado na base ou expressão de traços do vestígio/ cópia do constituinte movido?

b) Redobro obrigatório:

As construções de tópico de sujeito e de objeto exigem redobro. A ausência do pronome gera agramaticalidade:

- 14 a. *Bu telefoni*, Maria da-n *el*
 seu telefone Maria dar-me *ele*
 'O seu telefone, a Maria me deu ele'
- b. **Bu telefoni*, Maria da-n

O exemplo acima suscita duas questões. A primeira é sobre o porquê de o redobro ser obrigatório. E a segunda é a respeito de qual posição na periferia esquerda esse tópico que exige redobro está associado.

2 As construções passivas

No CG, as construções passivas são construídas por meio do sufixo *-du* (particípio) acrescentado ao verbo principal.

- 15 a. *Ami n-fasi* *sestas*
 eu eu-fazer cestas
 'Eu fiz cestas'
- b. *Sestas i* *fasi^{du} pa mi*.
 cestas ser feito por mim
 'As cestas são feitas por mim'

Os exemplos (15a) e (15b) são tidos como sentença ativa e passiva, respectivamente. A sentença ativa é sempre com um verbo transitivo que licencia um sujeito e um objeto direto que será o sujeito da sentença passiva. Agora, observe o exemplo a seguir:

16. *Jon iasadu bulu*
 João assado bolo
 'O bolo foi assado por João'

Está claro aqui que a construção traduzida como passiva no exemplo (16) não tem característica de passiva, mas parece ser voz inversa, porque a função de agente não se encontra no caso oblíquo como em (15b) e continua na posição de sujeito.

3 Projeções na periferia esquerda

Há várias projeções na periferia esquerda do CG para diferentes tipos de tópicos. Esses elementos deslocados ocorrem à esquerda e/ou à direita da palavra interrogativa que se encontra em Foco:

17. $[_{\text{TopP}} \text{Abo}, [_{\text{TopP}} \text{na festa}, [_{\text{FocP}} \text{kin} [_{\text{FinP}} \text{ku} [_{\text{IP}} \text{bu odja?}]]]]]$
 Você na festa quem que você ver
 'Você, na festa, quem que você viu?'
18. $[_{\text{TopP}} \text{Abo} [_{\text{FocP}} \text{ke} [_{\text{TopP}} \text{sempri} [_{\text{TopP}} \text{na merkadu} [_{\text{FinP}} \text{ku} [_{\text{IP}} \text{bu ta kumpra?}]]]]]]]$
 'Você, o que, sempre, no mercado, que você compra?'

Uma das questões levantadas é sobre os tipos de tópicos que essas projeções apresentam. Frascarelli (2012) sugere que os tópicos ocupem posições específicas de acordo com suas propriedades discursivas. Assim, a autora apresenta a seguinte hierarquia para a periferia esquerda:

19. $[_{\text{ForceP}} [_{\text{ShiftP}} [_{\text{ContrP}} [_{\text{IntP}} [_{\text{FocP}} [_{\text{FamP}^*} [_{\text{FinP}} [_{\text{IP}}]]]]]]]]]$

A posição ShiftP seria para o tópico mais alto (*Aboutness-Topic*) que abrigaria elementos novos ou reintroduzidos no discurso e FamP, para o tópico mais baixo (*Familiar Topics*) que constituiria em uma informação já dada.

Considerações finais

O CG não admite redobro de pronomes nas interrogativas de sujeito e de objeto. O redobro é observado nos demais tipos de estruturas A-barra. Em alguns casos é opcional, como nas interrogativas, relativas, topicalizações e clivadas

envolvendo PPs. Em outros, é obrigatório, como nas construções de tópico de sujeito e de objeto, visto que a ausência do pronome gera agramaticalidade.

As orações do CG que envolvem verbos do tipo ECM, apresentam o seguinte padrão: sujeito subordinado no caso acusativo e sujeito subordinado redobrado (casos nominativo e acusativo) na presença de complementizador. As construções com controle de objeto também permitem que tanto o objeto quanto o sujeito subordinado sejam expressos.

Os dados evidenciam a ocorrência de dois tópicos altos, à esquerda de FocP e de dois tópicos baixos, à direita de FocP. Isso significa que a periferia esquerda pode ser ainda mais complexa do que como proposto por Rizzi.

Essas e outras questões relacionadas à atribuição de caso nas orações subordinadas, redobro obrigatório, “passivas” sem o agente no caso oblíquo e o estatuto discursivo dos sintagmas à esquerda ou à direita de foco ainda estão sendo investigadas.

REFERÊNCIAS:

ALEXANDRE, Nélia. Uma análise de CP não expandido para o sistema de complementadores do Crioulo de Cabo Verde. In: *Textos Seleccionados do XXV ENAPL*. Lisboa: Colibri, 2009.

ASUDEH, Ash. Three kinds of resumption. *Resumptive pronouns at the interfaces*. ICS & SLALS, Carleton University, 2007.

COUTO, Hildo Honório. *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Hamburg: Buske, 1994.

FRASCARELLI, Mara. The interpretation of discourse categories: cartography for a crash-proof syntax. *Enjoy linguistics! Papers offered to Luigi Rizzi on the occasion of his 60th birthday*, 2012.

MCCLOSKEY, James. Resumption. In: EVERAET, M.; VAN RIEMSDIJK, H. (eds.) *The Blackwell Companion to Syntax*, 94-117. Oxford: Blackwell, 2006.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.) *Elements of Grammar*: Dordrecht, Kluwer, 1997.

_____. Locality and the left periphery. IN: Rizzi, L e Belletti, A (eds) *The structure of CP and IP. The cartography of Syntactic Structures*. Oxford, Oxford University Press, 2004.

Gramática na Teoria Gerativa

Estudo da fala conectada na região metropolitana do Rio de Janeiro

Jamille Vieira Soares

RESUMO: Este squib tem como tema o estudo da fala conectada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Tradicionalmente, este fenômeno é denominado de sândi externo, pois a ocorrência se dá em fronteira de palavras. Dado o número de trabalhos com esse tema, achamos oportuno abordar esse assunto por uma outra perspectiva, no caso, uma análise fonética experimental, a fim de tentar explicar e determinar quais fatores estão envolvidos na realização do fenômeno, ou seja, o sândi vocálico externo. Dentre os objetivos apresentados nesse artigo está, ainda, a comprovação da hipótese de o fenômeno não se limitar apenas à queda de vogais átonas, como foi descrito em Souza (1979, 1981 e 1983), Bisol (1999). A abordagem física do fenômeno mostrou, portanto, que outras explicações, fora do âmbito da fonologia, podem ser oferecidas, trazendo não só evidências à recursividade prosódica, mas também colocando em perspectiva um campo fértil de discussões.

PALAVRAS-CHAVE: dialeto carioca, sândi externo vocálico, padrões prosódicos.

ABSTRACT: This squib has as its theme the study of connected speech in the metropolitan area of Rio de Janeiro. Traditionally, this phenomenon is called external sandhi, since the occurrence takes place in border words. Given the number of works with this theme, we thought appropriate to address this issue from another perspective, in this case, an experimental phonetics analysis in order to try to explain and determine which factors are involved in making the phenomenon, that is, the external vowel sandhi. Among the objectives presented in this article is also proof of the hypothesis of the phenomenon is not limited only to the fall of unstressed vowels, as described in Souza (1979, 1981 and 1983), Bisol (1999). The physical approach of the phenomenon showed, therefore, that other explanations, other than for phonology, may be offered, bringing not only the prosodic evidence recursion, as putting into perspective a fertile field of discussions.

KEYWORDS: Rio dialect, vowel external sandhi, prosodic patterns.

Introdução

O estudo descrito neste artigo trata da fala conectada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Procurou-se descrever o fenômeno conhecido como sândi vocálico externo, já que sua ocorrência se dá entre duas vogais em fronteiras de palavras. Apresentamos uma proposta através de uma análise de fonética experimental, dessa forma tentaremos explicar e determinar os fatores que estão envolvidos na realização do fenômeno¹.

É válido observar que, embora estejamos delimitando nosso objeto como “dialeto carioca”, os dados coletados, por vezes, englobam municípios do entorno do Rio de Janeiro, abarcando a região, geograficamente, denominada região metropolitana do Rio.

Foi testada a hipótese de o fenômeno não se limitar apenas à queda de vogais átonas, como foi descrito em outros trabalhos. Dessa forma, foram revistos não só o fenômeno em si, como os casos problemáticos focalizados por SOUZA (1978, 1981 e 1983), através de uma perspectiva que leve em conta um tratamento fonético-acústico dos dados. Para tanto, recorreremos a dois programas básicos à análise: **Audacit** e **Praat** (BOERSMA, WEENICK, 2013)².

1 Sobre o sândi externo

Muitos aspectos do Sândi na Língua Portuguesa foram abordados por Mattoso Câmara (1954), principalmente quando ele fala sobre vocábulo fonético e fonológico. Ainda, sobre a língua portuguesa, o autor apresenta em linhas gerais o que acontece em ambiente de juntura vocabular quando há encontro de dois vocábulos terminados e iniciados por vogal respectivamente.

Trabalhos mais recentes trazem algumas variações em torno da definição de sândi.

Cagliari (2002: 105), por exemplo, define o fenômeno como:

O sândi é um fenômeno que ocorre nas fronteiras de palavras (juntura vocabular). Consiste na transformação de estruturas silábicas nesse contexto, causada, em geral, pela queda de vogais ou pela transformação de ditongos ou mesmo pela ocorrência peculiar de certos sons.

¹ Este squib é baseado em minha dissertação de mestrado, defendida em 2014.

² O Audacit foi utilizado para recortar gravações com mais de vinte minutos de duração. Já o PRAAT, além de nos dar a possibilidade de ouvir as gravações, nos deu uma análise acústica dos dados, principalmente no que se refere aos formantes 1 e 2.

Já Bisol (1999 : 232), numa outra perspectiva, assim define o fenômeno do sândi:

O sândi é referido, de modo geral, como um fenômeno de fonética sintática que registra alterações fonéticas ocasionadas por contato de formas livres, transformando-as em formas presas.

Souza (1979, 1981 e 1983) seguindo princípios de Chomsky e Halle (1968) sobre atribuição cíclica de graus acento à frase apresentou um estudo em que propunha uma interface sintaxe/ fonologia, e não apenas descreveu os fenômenos, como procurou explicá-los de forma em que fossem observados os seguintes contextos: o tamanho do sintagma, pela qualidade da vogal e pela velocidade de fala. Ainda argumenta que a ocorrência do sândi atinge não apenas a degeminação, mas também a elisão de vogais diferentes da vogal /a/ em diferentes contextos. A abordagem de Souza (1979,1981, 1983) ao fenômeno de fala conectada, refere-se a distribuição de graus de acentos nas frases. Segue a aplicação dos graus de tonicidade:

1a Paulo adorauva

1	1	1
	2	1
2	3	1

1b Paulo adoruva doce

1	1	1	1
		2	1
	2	3	1
2	3	4	1

Verificou-se que a elisão da vogal átona final pode ou não ocorrer dependendo do peso do sintagma em que se insere o grupamento fonológico.

Um traço em comum entre os trabalhos recentes é a citação a trabalhos de Bisol (1999 e 2002) em torno desse tema. A referida autora, numa perspectiva variacionista, se detém, com base em pressupostos da Fonologia Prosódica, a descrever dois processos básicos: a ressilabificação e a queda da vogal em processo de degeminação e elisão, recorrente no interior de diferentes constituintes - sílaba, pé métrico, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entonacional e enunciado - definidos por Nespor e Vogel (1986).

2 Sândi vocálico: uma abordagem fonética

A opção por um tratamento acústico-fonético pretendia revelar, na verdade, os traços característicos das vogais que se encontram no processo de juntura. A abordagem que apresentamos a seguir baseia-se na análise dos formantes das vogais em causa, a fim de comprovar a queda da vogal /u/ e da vogal /a/.

O *corpus* da pesquisa conta com entrevistas, leituras de frases pré-selecionadas, gravações de programas de televisão.

Ambientes analisados	# consultores	Localidade	Tempo de gravação	Modo de gravação
Fala controlada	10	Nova Iguaçu e Zona Sul do Rio de Janeiro	Aprox. 30 min.	Gravador Sony e PRAAT
Fala espontânea	6	Nova Iguaçu e Zona Sul do Rio de Janeiro	Aprox. 2h e 30 min.	Gravador e PRAAT
Leitura de texto ³	3	Nova Iguaçu	Aprox. 15 min.	PRAAT

Tabela 1: Descrição do *Corpus*

A metodologia utilizada para análise deste *corpus* foi distribuir as sentenças por grupos: O comportamento da vogal /a/ nos ambientes [v#v] e [v#ṽ]⁴; o comportamento da vogal /u/ nos mesmos ambientes.

Para uma análise um pouco mais apurada contou-se com o auxílio de dois *softwares*, Audacity e PRAAT, que são usados muitas vezes como editores e ou gravadores de áudios em geral.

3 A análise

O trabalho desenvolvido enfocou dados de diferente natureza, /a/, e /u/ em ambientes átonos e tônicos, buscando verificar se a abrangência do sândi no dialeto carioca se dá como descrito em Souza (1979, 1981 e 1983) a fim de argumentar a favor de uma ocorrência do sândi mais estendida do que dizem as

³ A leitura de texto descrita no *corpus* diferencia-se dos dados de fala controlada, pois são trabalhados contextos de enunciados maiores.

⁴ Os ambientes representados são : [v#v] encontro de vogal átona em fronteira de palavra com outra vogal átona e [v#ṽ] encontro de átona em fronteira de palavra com outra vogal tônica. .

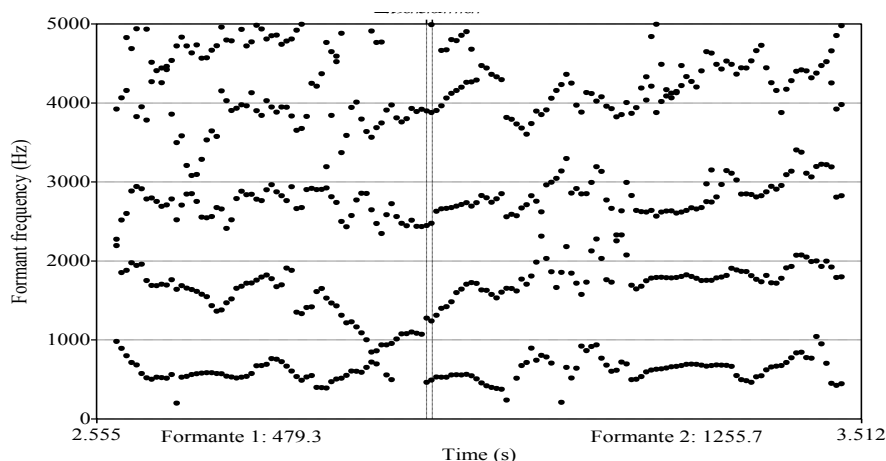


Figura 1 : Espectrograma para o dado de fala espontânea 'Entra pra uma espécie de clube'⁶

Sobre a queda da vogal /a/, não há dúvidas, e todos os trabalhos sobre o sândi recortam para o /a/ o mesmo comportamento. No dialeto carioca, porém, podemos comprovar que a vogal /u/, diferente dos referidos trabalhos, apresenta comportamento muito próximo ao da vogal /a/. Logo, vamos nos deter a ilustrar a queda da vogal /u/, que vai além do processo de degeminação.

- 2 Preciso do cálculo exato. **Onde a vogal [u] sofre queda**
 calculexato Consultor: sexo masculino

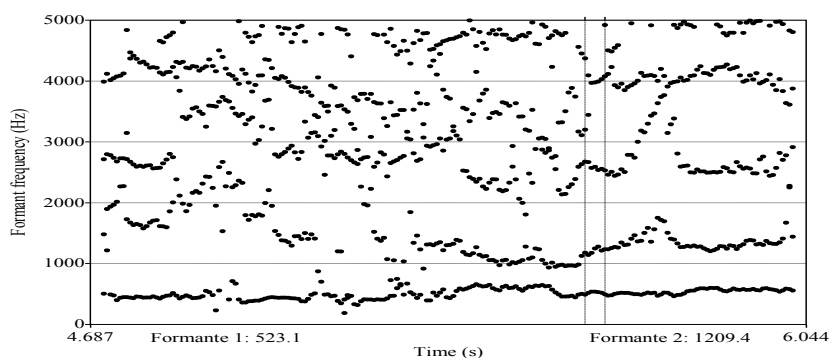


Figura 2: Espectrograma para o dado de fala espontânea 'preciso do cálculo exato'

- 3 As passeatas parecem um ato ensaiado. **Onde a vogal [u] cai**
 ati)saiado Consultor : sexo feminino

⁶ As linhas pontilhadas verticais representam o ambiente em que se realizou o fenômeno de sândi, e ainda, no rodapé da ilustração encontra-se o número em Hertz dos formantes analisados.

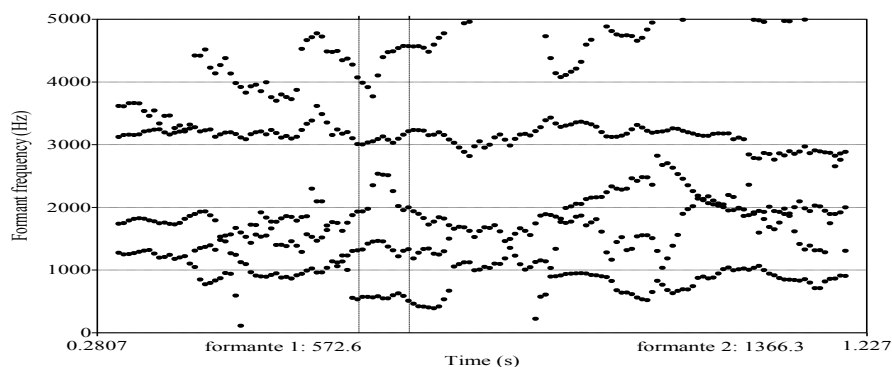


Figura 3: Espectrograma para o dado de leitura de texto ‘as passeatas parecem um ato ensaiado’

- 4 Roberto adora andar de skate. **Onde a vogal [u] cai**
 robertadora Consultor: sexo feminino

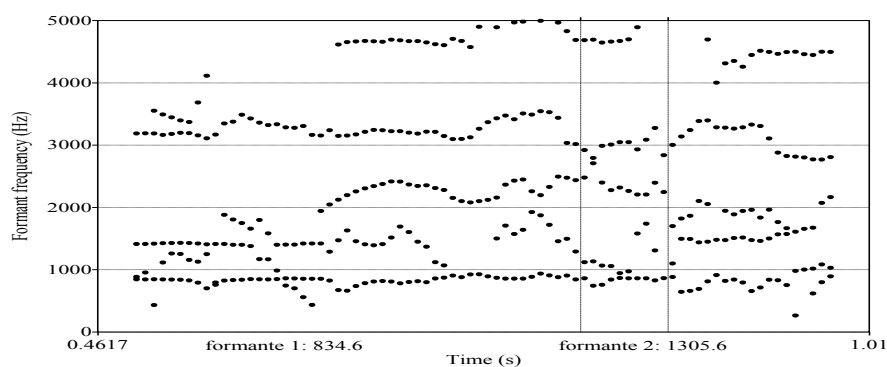


Figura 4: Espectrograma para o dado de fala espontânea ‘roberto adora andar de skate’

- 5 amo esse bairro **onde a vogal /u/ sofre queda**
 amesse Consultor : sexo feminino

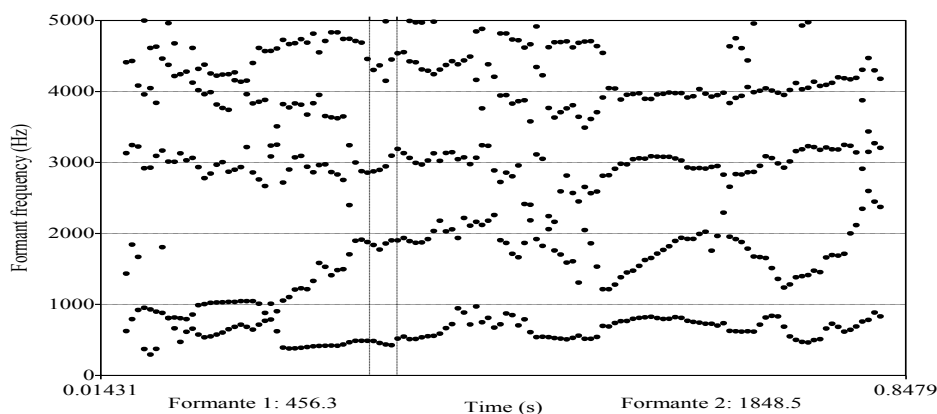


Figura 5 : Espectrograma para o dado de fala espontânea ‘amo esse bairro’

Ao observarmos os exemplos acima, atestamos que tanto a vogal /a/ quanto a vogal /u/ sofrem queda em um mesmo ambiente, ou seja, verificou-se que no grupamento fonológico no qual ocorre a contiguidade de vogais distintas, a elisão

da vogal átona final pode ou não ocorrer dependendo do peso do sintagma em que se insere o grupamento fonológico.

Diferente da vogal /a/, a queda do /u/ é mais esparsa, porém, quando a mesma ocorre, constatamos que a vogal cai nos mesmos ambientes em que cai a vogal /a/, ou seja, atesta-se, aqui, no dialeto em estudo, um comportamento do /u/ diferente do que se propõe em outros trabalhos sobre o sândi.

Considerações Finais

A análise física do fenômeno de Sândi, através dos dados coletados, buscou comprovar tanto a queda dos segmentos, ao analisarmos os formantes, quanto o fator que estaria condicionando a queda ou a manutenção dos segmentos.

Constatou-se que o comportamento das vogais /a/ e /u/ é semelhante, como que se havia previsto em Souza (1978, 1981, 1983).

Embora tenham sido nossas estratégias de análise diferentes, podemos reafirmar, para a ocorrência do sândi no dialeto em estudo, certos dados: o comportamento semelhante das vogais /a/ e /u/. A explicação para esse fato, dada por Souza, se baseou na proximidade dos valores do segundo formante das vogais /a/ e /u/, pois, dado o fato de os graus de constricção de a e u serem relativamente equivalentes, já que o grau de constricção na realização do a é bem pequeno, quase igual ao de u, isto seria acarretado pela proximidade do segundo formante dessas vogais: o segundo formante é o mais importante na caracterização das vogais; este formante aumenta a frequência da vogal se o ponto de constricção avança para frente da boca e se a abertura da boca for cada vez maior.

Além dessa explicação, a proximidade entre essas vogais está também nos graus de intensidade: as vogais /a/ e /u/ contam com 24db, a vogal /e/, com 23db e a vogal /i/, com 22. Talvez esteja nesses valores o fato de a queda das vogais /a/ e /u/ acontecer nos mesmos contextos.

Por fim, concluímos que o sândi não só atinge processos de degeminação e elisão das vogais /a/ e /u/, nos ambientes de junção de duas vogais átonas, ou de vogal átona seguida de vogal tônica, como se mantém como fenômeno constante na língua.

REFERÊNCIAS :

ABAURRE, M. B. M. Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos do português brasileiro. Campinas, SP: Editora Unicamp, Cadernos de Estudos Linguísticos, v,10, 1986

BISOL, L. Os constituintes prosódicos. Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1999

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica: introdução a teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico* - Campinas, SP: Mercado de letras, 2002

CÂMARA JR, J. Mattoso. *Estrutura da Língua portuguesa*. 41^a Ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2008.

CHOMSKY, N. HALLE, M. The sound pattern of English. New York: Harper & Row eds, 1968

SOUZA, T. C. C. de. O sândi externo no dialeto carioca. Dissertação de mestrado (inédito). UFRJ, 1979.

_____. Sândi Vocálico em português: homonímia e opacidade. Anais do IV Congresso Nacional de Linguística, PUCRJ. , v.IV, p.19 - 30, 1981.

_____. Das mudanças morfofonêmicas em português. Ensaios de Linguística 9, 188-207, UFMG, 1983.

Recursos digitais online :

BOERSMA, Paul ; WEENINK, David. **Praat: doing phonetics by computer [Computer program]**. Version 5.3.51, <<http://www.praat.org/>>

Modelos Funcionais Baseados no Uso

Metáfora e metonímia: estratégias discursivas nas construções das manchetes jornalísticas

Flávia Clemente de Souza

RESUMO: A partir da observação dos processos de metáfora e metonímia nos títulos das capas do jornal **O Globo**, em perspectiva diacrônica, abrangendo de 1930 a 2010, este estudo busca comprovar a hipótese de que estas construções não são utilizadas aleatoriamente, mas representam escolhas não-arbitrárias e são poderosos elementos de compreensão do texto jornalístico impresso. O trabalho aborda os conceitos teóricos a partir da perspectiva dos principais autores que estudam metáfora e metonímia, particularmente com suporte nas visões de Roman Jakobson e George Lakoff.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; discurso; jornalismo

ABSTRACT: From the observation of metaphor and metonymy processes in the headlines of the **O Globo** Brazilian newspaper, in a diachronic perspective from 1930-2010, this paper seeks to prove the hypothesis that the constructions are not used randomly, but represent non-arbitrary choices and are powerful elements of understanding. This paper addresses the theoretical concepts from the perspective of the main authors studying metaphor and metonymy, particularly those formulated by Roman Jakobson and George Lakoff.

KEYWORDS: metaphor; discourse; journalism

Introdução

As frequentes metáforas e metonímias que fazem parte do universo das manchetes dos jornais impressos comprovam seu papel relevante para a edição jornalística. Neste trabalho, após um breve resumo dos conceitos utilizados para realizar a análise, pretende-se demonstrar, através de exemplos, como se dão algumas das escolhas mais prototípicas feitas pelos jornalistas, as quais se enquadram na ideia de estratégias discursivas – termo usado aqui para realçar a não-arbitrariedade das construções.

O objeto desta análise são os jornais impressos, devido à possibilidade de fazer um estudo diacrônico, pois existem exemplares disponíveis ao longo de um intervalo de tempo de mais de um século. A base de dados é formada pelas capas do jornal **O Globo**, impressas entre 1930 e 2010. A amostragem foi selecionada de forma aleatória. Foram coletados todos os títulos da capa de um exemplar por década, variando o mês e o dia da semana por sorteio, de forma a garantir que o *corpus* não seja influenciado pela sazonalidade ou por fatos específicos de grande impacto, que interferem diretamente no contexto das edições.

No total, 113 títulos foram coletados. Como a quantidade não pode ser considerada representativa para análise estatística, os processos de metáfora e metonímia existentes foram levados em consideração qualitativamente. A ideia central é comprovar que ambos os processos – metáfora e metonímia – são usados nas manchetes com intencionalidade.

1 Pressupostos teóricos

Para analisar as manchetes dos jornais, será utilizada a abordagem construcional, que se mostra adequada porque possibilita interpretar as manchetes de forma esquemática, o que permite ir além da análise somente do conteúdo semântico-pragmático. A noção de construção apresentada se baseia em Goldberg (2006:18): « *construções são pareamentos simbólicos específicos de forma e significado e podem ter qualquer tamanho – de uma cláusula complexa a um afixo* ». Em outras palavras, construções são as unidades básicas da língua. Podem

existir no nível da cláusula, frases, colocações, palavras e morfemas – todos podem ser analisados pelo modelo construcional.

Como fio condutor da análise, estarão os conceitos de metáfora e metonímia e o de domínio conceitual. Lakoff e Johnson (1980:3) afirmam que, apesar de a metáfora ser considerada um recurso retórico ou estilístico, e, por conta disso, a maior parte das pessoas a perceberem como algo que é possível viver sem, na verdade, os processos metafóricos penetram no dia-a-dia da nossa vida, não só através da linguagem, mas nos pensamentos e ações. “Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do que nós pensamos e fazemos, é fundamentalmente metafórico em sua natureza” (LAKOFF, JOHNSON, 1980:3).

Uma ideia central na abordagem construcional é a rede [*network*]. A rede representa uma metáfora inserida na noção de domínios conceituais, desenvolvida pelos linguistas cognitivos, com destaque para George Lakoff (1980, 1987), a partir de um paralelo com a forma de processamento da mente humana, que não se dá de forma linear e nem estruturada em tipos. A rede seria, portanto, uma forma de representar teoricamente o raciocínio por analogia e traçar paralelos com outras formas de processos cognitivos gerais da mente humana, tais como a visão e a audição. Esses domínios formam campos conceituais através dos quais organizamos nossos pensamentos e a linguagem.

Metáforas conceituais integram os dois domínios conceituais (por exemplo, ARGUMENT is WAR integram o domínio ‘discussão’ ao domínio ‘guerra’). Desta visão de Lakoff, vários autores desenvolvem suas teorias ligando metáfora e cognição e sobre os domínios conceituais, o mapeamento e o destacamento de domínios.

Mapeamento metafórico envolve um domínio-fonte e um domínio-alvo... O mapeamento é tipicamente parcial. Ele mapeia a estrutura no domínio-fonte em uma estrutura correspondente no domínio-alvo. Um mapeamento metonímico ocorre dentro de um único domínio conceitual, o qual é estruturado por um ICM (*modelo cognitivo idealizado).

(LAKOFF, 1987:114)

A visão de Heine se mostra consonante com os principais teóricos – a de que a metáfora opera no eixo paradigmático, se dá por analogia, na inter-relação entre domínios conceituais, e envolve implicaturas convencionais. Quando atua no processo de gramaticalização, o que ocorre é a abstratização. Um significado literal começa a ser transferido para outros domínios menos conceituais. Começa a haver

violação das regras e anomalias semânticas (por exemplo, um verbo de movimento, como ir não requerer mais um sujeito humano). Elementos associados ao mundo físico começam a ser usados para se referir a conceitos abstratos. Costuma trazer características de ambiguidade e polissemia porque o contexto literal ainda está presente.

1.1 Metáforas, metonímias e os jornais

A partir da visão da construção de metáforas como estratégias discursivas, nos deparamos com uma questão conceitual relevante. Existe uma contradição intrínseca às definições de metáfora e metonímia, conforme foram apresentadas aqui. Encara-se a metáfora como *locus* da inovação, como a contiguidade, como a transferência entre domínios. Isso quer dizer que a metáfora seria, hipoteticamente, o lugar das polissemias, mais sujeito às múltiplas interpretações possíveis. Já a metonímia seria o *locus* da função referencial, não haveria uma transferência entre domínios e as ideias seriam transmitidas de forma a gerar menos possibilidades de interpretação. Seria o lugar da paráfrase. No entanto, a interpretação dos pesquisadores mostra que pode se dar o oposto do ponto de vista cognitivo: Lakoff coloca as metáforas como o nosso equipamento para a compreensão do mundo. Para o autor, elas traduzem, sintetizam, explicam o mundo à nossa volta, transformam conceitos complexos em entidades simples. Fazem parte do nosso sistema conceitual e, dessa forma, se naturalizam. Existem na língua e são usadas todo o tempo, sem serem percebidas. Já a metonímia, por se tratar de uma interpretação de uma realidade a partir de um referente, se mostra mais abstrata, menos direta, dá menos capacidade de compreensão. Ou seja, para ambos os processos, temos definições que parecem antagônicas, mas que, no fundo, não se contradizem, porque sua análise deve se ancorar em seu funcionamento.

Essa ideia é de fato adotada pelos jornais, de forma intencional. Está previsto no Manual de Redação da Folha de S. Paulo (1996)¹ (e de outros jornais), como o uso de metáforas e metonímias deve ocorrer

¹ Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fofha/circulo/manual_texto_m.htm (acesso em 24/6/2014)

Metáfora - Figura de linguagem na qual a significação imediata de uma palavra é substituída por outra, subentendendo uma relação de semelhança: lábios de mel. **Pode ser útil para tornar um texto mais didático:** Placas tectônicas são balsas que carregam os continentes sobre um mar de rocha incandescente.

Evite metáforas desgastadas pelo uso excessivo: aurora da vida, página virada, silêncio sepulcral, o presidente prometeu levar a nação a porto seguro, luz no fim do túnel. Veja cacoete de linguagem.

Metonímia - Figura de linguagem que consiste em substituir um termo por outro com base em contiguidade semântica: Ler [uma obra de] Machado de Assis; Beber [o conteúdo de] uma garrafa. **Se bem usada, pode tornar o texto mais conciso.**

(Manual de Redação da Folha de S. Paulo, 1996, grifo nosso)

2. Análise dos dados

Na nossa amostragem, o primeiro título que chamou a atenção vem da década de 1930: *“Abandonado pela esposa que desgraçara, abateu-a, a tiros, covardemente!”*. Neste caso, o sujeito nem mesmo aparece, mas a metáfora é clara. O verbo abater encontra-se no domínio bélico e permite várias leituras a partir deste domínio, analisado por Lakoff através da metáfora *‘argument is war’*. Lakoff aponta *argument* como domínio-fonte e *war* como domínio-alvo. A metáfora se encontra no verbo, mas autoriza a leitura do sujeito no mesmo sistema conceitual.

Algumas inferências que podem ser feitas a partir desse domínio são: tratou a esposa como um animal, não como um ser humano; existe um paralelo entre os conceitos caça/caçador e vítima/agressor; e de que brigas são ‘bélicas’. Vale ainda lembrar que o verbo abater, além de fazer parte do domínio ‘caça’, também faz parte do domínio ‘guerra’, o que reforça o sentido bélico que o jornal quis dar (aviões de guerra são abatidos, os mísseis abatem, os inimigos são abatidos).

Em 1940, encontramos o dado *“As proprias machinas se encarregam de distribuir a correspondência!”*. Neste caso, temos um processo claro de personificação, que se dá no verbo escolhido para anunciar o que as novas máquinas dos Correios fazem: *‘se encarregam’*. Obviamente que as máquinas são operadas por pessoas, mas o interesse do jornal é ressaltar a modernidade, como se elas funcionassem sozinhas. O importante a ressaltar aqui é que o sintagma *‘máquinas’* poderia acumular traços não-humano e inanimado, no entanto, percebe-se claramente que se apresenta um sujeito agentivo e animado. Já no

título de 1980, “*Cebola na feira chega a Cr\$ 90 o quilo*” temos o mesmo tipo de construção, na qual o sujeito é prototípico do ponto de vista sintático. No entanto, seus traços não o são (não-humano/inanimado). Não existe a menor possibilidade de a cebola ser agente, a não ser por autorização do processo verbal, que é determinante na escolha dos sujeitos. Neste caso, o verbo chegar já possui o sentido – convencionalizado nos dicionários – de atingir, o que sanciona sujeitos menos animados, o que pode apontar para uma interpretação deste sujeito como um caso de metonímia. Por outro lado, nos dois exemplos, tanto o verbo encarregar (-se) quanto o verbo chegar são prototípicos de processos materiais. O uso do pronome reflexivo aumenta mais ainda a sensação de personificação das máquinas, que assumem vida própria, não se fazendo necessária a presença humana. A explicação de Lakoff sobre a facilidade de apreensão de sentidos através do tipo de metáfora apresentada como personificação fica evidente.

Já os processos metonímicos se mostram de fato mais referenciais: Em 1930, encontramos ‘*De novo entra a lavoura paulista numa phase de processos officiaes e ardiloso*’, no qual *a lavoura paulista* representa genericamente todos os lavradores paulistas. Em ‘*Pintados os bronzes artisticos da Bibliotheca Nacional*’, também da década de 30, há outra metonímia, especificamente sinédoque (a parte pelo todo). ‘*Os bronzes*’ se referem às estátuas de bronze da fachada do prédio.

Em 1950, temos ‘*Ameaçado de ruidoso esfacelamento o PSD*’. Neste caso, temos uma metáfora contêiner, que transforma algo abstrato – um partido político – em algo concreto, como um objeto. Com a metáfora, é possível usar o verbo ‘esfacelar’, como se o partido pudesse se quebrar de fato.

Nos anos 2000, o título ‘*Prefeito cria mortos para obter verbas*’ é uma metáfora, pois não é possível ‘criar’ mortos. A ideia é de que ele cultivou os defuntos, como se fosse uma plantação, para depois ‘lucrar’ com sua venda. Ou que ele os inventou. É um título que pode ser considerado inovador, pois não é um tipo de construção frequente e também não é idiossincrática.

Conclusão

No decorrer da coleta dos dados, algumas construções foram selecionadas, de forma a analisar aspectos específicos. Neste caso, o interesse não é perceber a frequência ou o esquema construcional, mas analisar de que forma se dão os

processos que sancionam gerar novos sentidos ou inovações. Para isso, os dados devem ser encarados como unidades de significação, que podem ser analisadas em si mesmas, antes mesmo da influência do papel da frequência na convencionalização. Esse tipo de análise se mostra relevante principalmente para perceber as estratégias discursivas que subjazem às escolhas linguísticas, o que implica que as construções não são arbitrárias e nem regidas somente por restrições sintáticas. É o que Lakoff (1987) considera domínios conceituais, os quais só podem ser compreendidos a partir da cognição e que fazem parte da vida das pessoas o tempo todo, mesmo que elas não percebam. Analisar os dados qualitativamente se mostra relevante para sistematizar os usos que o jornalismo faz dos processos de metáfora e de metonímia para significar.

O que nos parece, a partir dessa visão inicial, é que os jornais evitam, hoje em dia, usar a metáfora estilística, que consideram vulgar, embora tenha sido muito usada em décadas anteriores. Por outro lado, fazem uso das metáforas conceituais para explicar, através de paralelos entre domínios, assuntos complexos em embalagens ‘simples’. O uso da metonímia, por outro lado, serve para dar concisão às ideias e se mostra um recurso bastante comum também. O que devemos considerar é que o sentido se dá na interação e os interlocutores nem sempre irão perceber as construções da forma como são elaboradas, principalmente nos momentos de inovação.

O que se percebe, portanto, é que além de sistematizar as construções usadas pelos jornais, é preciso também sistematizar os domínios conceituais nos quais as metáforas se dão. É a partir dessa rede de construtos presentes nos domínios que se dá a compreensão, com importante participação dos leitores. Por exemplo, é comum que as pessoas só leiam determinados gêneros. Alguém que lê cadernos esportivos será apresentado a domínios conceituais diferentes de quem lê cadernos de economia, os quais muitas vezes são criticados por empregar ‘economês’. As editorias de política são diferentes das editorias internacionais. Cadernos de cultura possuem alguns domínios conceituais herméticos, voltados só para quem já tem conhecimento de mundo sobre determinados assuntos. Leitores que não estejam habituados a jornais populares podem se deparar com estranhamento ao ler manchetes que brincam com ambiguidade e ironia.

REFERÊNCIAS:

BYBEE, Joan, *Language, Usage And Cognition*, Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*, 1ª ed., 2ª. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*, Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M.A, BISPO, E.B e SILVA. J.R., “Linguística Funcional Centrada no Uso: Conceitos Básicos e Categorias Analíticas” In CEZARIO, M.M. e CUNHA, M.A. (orgs.), *Linguística Centrada no Uso: Uma homenagem a Mário Martelotta*, Rio de Janeiro: Mauad X : FAPERJ, 2013.

DIRVEN, René. “Metonymy and metaphor: Different mental strategies of conceptualization”, in *Metaphor and Metonymy in comparison and contrast*, René Dirven e Ralf Pörings (Eds.), Berlin: New York: Mouton de Gruyter, p.75-111, 2003.

FILLMORE, Charles. “The case for the case” In BACHS e HARMS, *Universals in Linguistic Theory*, Holt, Rinehart and Winston, Nova Iorque, 1968.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at Work: The nature of generalization in language*. Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. University of Chicago Press, 1995.

GOSSNENS, Louis. “Metaphonymy: The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action”, in *Metaphor and Metonymy in comparison and contrast*, René Dirven e Ralf Pörings (Eds.), Berlin: New York: Mouton de Gruyter, p.349-377, 2003.

JAKOBSON, R. ‘The metaphoric and metonymic poles’, in *Metaphor and Metonymy in comparison and contrast*, René Dirven e Ralf Pörings (Eds.), Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003 [1956] (p.41-47)

JAKOBSON, Roman, *Linguística e Comunicação*, 24ª ed., Rio de Janeiro: Cultrix, 2007.

LAKOFF, G, et JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003 [1980].

LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the Mind*. The University of Chicago Press, Chicago, 1985.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar*, vol.1: *Theoretical Prerequisites*. Stanford University Press, 1987.

TAYLOR, J.R. *Cognitive Grammar*, Oxford Linguistics, 2002.

_____. *Linguistic Categorization*. Oxford University Press, 3a. ed., 2003.

Recursos digitais online:

Manual de Redação da Folha de S. Paulo: Acessível em
http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_m.htm

Tema Transversal:

Linguagem, mente e cérebro em línguas indígenas brasileiras

Quantificação nominal em Karajá: Estudo experimental do distributivo *sohoji-sohoji*

Cristiane Oliveira

RESUMO: Este trabalho apresenta dois experimentos piloto de natureza *offline* que buscam averiguar a semântica do numeral reduplicado distributivo *sohoji-sohoji* (um-um) presente na língua indígena brasileira Karajá (tronco Macro-Jê). O experimento 1 testou se crianças entre 7-10 anos utilizariam o numeral reduplicado distributivo de forma genérica, como é observado em indivíduos adultos, ou, se durante o período de aquisição, haveria marcação da cardinalidade expressa pela reduplicação dos numerais “dois”, “três” e “quatro”. O experimento 2, realizado com indivíduos adultos, teve como objetivo averiguar se o operador lógico $\forall$ faria parte da semântica do numeral reduplicado distributivo em Karajá, como esperado por Gil (1995), ou se a exaustividade dos itens distribuídos não estaria em jogo para a aceitabilidade de sentenças distributivas. Os resultados preliminares obtidos por estes dois experimentos parecem trazer novas perspectivas para teorias atuais sobre quantificação e distributividade em línguas humanas uma vez que, de acordo com os dados obtidos, crianças Karajá parecem partir da estrutura mais especificada para a genérica e a exaustividade dos itens distribuídos não parece ser necessária para a aceitabilidade de *sohoji-sohoji* por indivíduos adultos.

PALAVRAS-CHAVE: distributivo; Karajá; quantificação; sintagma nominal

ABSTRACT: This paper presents two offline pilot experiments that investigate the semantics of the reduplicated distributive numeral *sohoji-sohoji* (one-one) present in Karajá (a Brazilian indigenous language from Macro-Jê stock). The first experiment tested whether children, aged 7-10, use the reduplicated distributive numeral generically, as observed in adults, or if, during acquisition, the distributivity could also be expressed cardinally by the reduplication of the numerals "two", "three" and "four" as well. The second experiment, held with adults, aimed to verify if the logical operator $\forall$ would be part of the semantics of reduplicated distributive numeral *sohoji-sohoji*, as expected by Gil (1995), or if the exhaustiveness of the distributed items would not be into play during the acceptability task of distributive sentences in Karajá. The preliminary results obtained by these two pilot experiments seem to provide new perspectives on current theories about quantification and distributivity since Karajá children appear to start from more specified to generic structures and the exhaustiveness of distributed items does not seem necessary for the acceptability of *sohoji-sohoji* by adults.

KEYWORDS: distributive; Karajá; quantification; nominal phrase

Introdução

O objetivo deste trabalho é demonstrar como a Psicolinguística Experimental pode auxiliar o estudo de fenômenos linguísticos complexos pertinentes às Línguas Indígenas Brasileiras. O desenvolvimento de testes desta natureza nem sempre requer o uso de equipamentos sofisticados. Quando o *design* é modelado com precisão de forma a isolar o estudo de uma dada estrutura linguística, podemos obter dados relevantes que venham a auxiliar a compreensão sintática e/ou semântica do fenômeno estudado bem como o processamento desta estrutura na mente de falantes nativos. Neste texto, descrevi dois experimentos pilotos, um aplicado em indivíduos adultos e outro com crianças. Ambos com o objetivo averiguar o processamento semântico do numeral reduplicado distributivo *sohoji-sohoji* (um-um) presente na língua Karajá. Estes dois experimentos preliminares serviram de base para o desenvolvimento de hipóteses acerca do processamento do numeral distributivo em Karajá que guiarão o desenvolvimento de um futuro experimento de *picture matching* com o auxílio de um eletroencefalograma (*E-prime*) a ser aplicado em indivíduos adultos habitantes das aldeias Hawalò, Btoiry e Krehawa (TO/MT) em janeiro de 2015. Antes de relatar os dois testes realizados, trataremos brevemente da distributividade numeral na próxima seção que, como veremos a seguir, é um fenômeno muito recorrente nas línguas do globo.

1 Distributividade em línguas humanas

A distributividade marcada por numerais é um fenômeno muito comum em línguas humanas. De acordo com o mapa do site WALS¹ (Gil, 2014), das 251 línguas consideradas apenas 62 não apresentam numerais distributivos. Todas as outras 193 línguas utilizam numerais distributivos por meio de diferentes estratégias, como: reduplicação, prefixação, sufixação, combinados a palavra antecedente, combinados a palavra seguinte ou mesmo pela combinação de diferentes estratégias. Dentre estas, a reduplicação parece ser a mais recorrente entre as línguas observadas pois representa o maior grupo, 85 línguas. Cabe ressaltar que este mapa abrange pouquíssimas línguas indígenas brasileiras inclusive a língua

¹ World map of languages structures online, acessado em 27 de outubro de 2014.

Karajá, objeto de estudo deste trabalho, não faz parte do grupo de línguas observado.

Dentro dos estudos formais da linguagem, quantificadores distributivos tem sido relacionados ao operador universal $\forall$, como descrito em Gil (1995). O autor argumenta que em muitas línguas naturais o distributivo é um operador de semântica *portmanteaux* que combina a força quantificacional de um quantificador universal com uma denotação distributiva, ver Gil (1995:322). No caso de línguas como o português e o inglês, por exemplo, os distributivos “cada” e “each”, além de denotarem distributividade, são também quantificadores universais tendo como contraparte não distributiva “todo” e “all” respectivamente. Em relação ao Karajá, apresentarei algumas evidências que indicam ser o quantificador *sohoji-sohoji* um elemento que não atribui necessariamente uma leitura universal sobre indivíduos. Nossos dados sugerem que apenas a distributividade, evidenciada pelas relações estabelecidas entre o conjunto de indivíduos e o de eventos, estaria em jogo durante o processamento deste quantificador distributivo na mente de um falante nativo Karajá.

2 A língua Karajá: Tipologia

Os Karajá vivem em região central do Brasil, majoritariamente no estado de Tocantins, na maior ilha fluvial do mundo, a Ilha do Bananal, onde se localiza a Terra Indígena Araguaia. Com cerca de 20.000 Km² e cercada pelos rios Araguaia e Javaés, a Ilha do Bananal é habitada pelos Karajá desde tempos imemoriais, Oliveira (2010). De acordo com Maia (1986), a língua Karajá e suas variantes dialetais, o Javaé e o Xambioá, pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê, família Karajá, e, quanto a tipologia de ordem dos constituintes, apresenta majoritariamente o padrão vocabular SOV (sujeito-objeto-verbo), exemplo (1):

- (1) Koboí² koworu-ò rara
Koboi roça-PosP COP
'Koboi foi para a roça'

Apesar de apresentar majoritariamente em sentenças declarativas padrão nomes despidos de material funcional que os acompanhe, como pode ser

² ser mítico pertencente à cosmologia Karajá

observado no exemplo (1) acima, há uma pequena série de quantificadores nominais que aparecem pospostos aos nomes que acompanha, ver exemplos (2) abaixo.

- (2) [weryry **ibutumy/ sohoji-sohoji/ aõtxile/ sohoji/ -õ**] bederahy-ò rakre
 menino **todo/ cada/ qualquer / um/ algum** mato-PosP vai
Todo menino vai para o mato'

Trataremos na seção a seguir de dois estudos experimentais que observaram o processamento semântico do operador distributivo *sohoji-sohoji*. Este distributivo, assim como os demais quantificadores presentes em (2), parece atuar na camada quantificacional do sintagma nominal uma vez que sua posição sintática difere da dos advérbios que aparecem prototipicamente em posição final na sentença. Além disso, *sohoji-sohoji* é especializado em nomes contáveis sendo agramatical quando acompanhado de nomes massivos, ver (3).

- (3) *Sokrowe bèè sohoji-sohoji-my riwyreri.
 Sokrowe água um-um-PosP levou
 'Sokrowe levou cada água/ 'Sokrowe levou água de um por um'

Apesar de sintaticamente ser um quantificador nominal, *sohoji-sohoji* também possibilita uma interpretação adverbial, sua utilização resulta, assim, no nível semântico, em sentenças ambíguas do tipo (4) abaixo:

- (4) Krukru sohoji-sohoji-my òra tyrè-ki ryreri.
 Krukru um-um-PosP galho cima-em está
 'Cada kuku está em cima do galho' (distributiva)
 'Kuku fica em cima do galho de um por um' (adverbial)

3 Experimentos para averiguação do numeral reduplicado distributivo

Sentenças quantificadas podem apresentar, em muitos casos, algum tipo de ambiguidade, possibilitando mais de uma interpretação para a mesma sentença. Em tais casos, se faz imprescindível o desenvolvimento de testes com *design* modelado de forma que se torne possível uma maior precisão na averiguação do fenômeno estudado. No âmbito dos trabalhos experimentais, apresento dois testes piloto aplicados com falantes nativos Karajá. O primeiro é um teste de aquisição no qual quatro crianças foram consultadas e o segundo é um teste de imagens com

indivíduos adultos. Ambos os testes buscam averiguar aspectos da semântica do operador distributivo *sohoji-sohoji* e serão descritos nas subseções abaixo.

3.1 Experimento piloto 1: aquisição

Em Karajá, falantes adultos utilizam apenas o numeral “um” reduplicado, *sohoji-sohoji*, como operador distributivo, independente da cardinalidade do item distribuído. Durante minhas sessões de elicitación, não houve nenhum item que tenha sido traduzido com a reduplicação de outros numerais presentes na língua. Como em muitas línguas brasileiras a reduplicação numeral pode ser aplicada para expressar, além da distributividade, a cardinalidade do elemento distribuído, testei individualmente com os professores Manaije, Leandro Lariwana e Elly Mairu a gramaticalidade de sentenças com os numerais “dois” (*inatxi*) e “três” (*inatão*) reduplicados em Karajá. Todos os falantes consultados, apesar de não julgarem agramaticais os exemplos com reduplicação >1, os consideraram estranhos e não-naturais, bem como sugeriram o uso de *sohoji-sohoji*. Para testar se crianças utilizariam *sohoji-sohoji* de maneira generalizada, assim como indivíduos adultos, ou se elas estenderiam o processo de reduplicação para outros numerais do Karajá, como ocorre em outras línguas, marcando de forma mais especificada a cardinalidade do item distribuído, montei um pequeno teste piloto de descrição de imagens que foi aplicado com quatro crianças de 7 a 10 anos de idade da aldeia Hawalò. Descreverei abaixo os participantes, metodologia, itens e tarefa deste teste. Ao fim, apresentei uma breve discussão dos resultados obtidos.

3.1.1 Participantes

Participaram deste teste piloto as meninas Herenaki (nove anos) e Malawiru (sete anos), e os meninos Waseheri (sete anos) e Yexika (dez anos) todos habitantes da aldeia Hawalò. Todas as crianças são falantes nativas da língua Karajá, também falam/entendem português e estudam na escola da aldeia.

3.1.2 Metodologia e materiais

A tarefa era desenharmos juntos e, em seguida, as crianças deveriam descrever os desenhos produzidos em Karajá e eu em português. Os participantes

poderiam desenhar livremente e nenhuma tarefa lhes foi pedida para a confecção de seus próprios desenhos. Além de outros desenhos distratores, eu apresentei os desenhos abaixo para averiguar se as crianças gerariam sentenças distributivas com outros numerais reduplicados além de *sohoji* ‘um’, o que não ocorre em indivíduos adultos. Elaborei desenhos que elicitassem os numerais “um”, “dois”, “três” e “quatro” em Karajá. Antes da sessão experimental, eu expliquei às crianças como iria ser o procedimento de forma lúdica, indicando ser uma brincadeira de escolinha para que eu pudesse aprender Karajá a fim de conversar com elas durante minha estadia na aldeia.

Item 1 – Distribuído: um peixe
Distribuidor: três cestos



Item 2 - Distribuído: dois peixes
Distribuidor: três cestos



Item 3 - Distribuído: três peixes
Distribuidor: três cestos



Item 4 - Distribuído: 4 meninos
Distribuidor: 2 árvores



3.1.3 Resultados e discussão

As crianças mais novas, Waserehi e Malawiru, ambos com sete anos de idade, geraram sentenças com os numerais dois, três e quatro reduplicados marcando, assim, além da distributividade, a cardinalidade do item distribuído. Enquanto que as crianças mais velhas, Herenaki e Yexika, nove e dez anos respectivamente, geraram sempre *sohoji-sohoji*, utilizando a reduplicação de maneira generalizada, como eu já havia notado em adultos. Abaixo, um exemplo de resposta de Waseheri para o item 2 testado.

(5) Inatxi-inatxi-my weriri woki r-o-i-reri
dois-dois-PosP:sub cesto dentro 3P-VT-raiz-PRS:CONT
‘Cada dois está dentro do cesto/ Está no cesto de dois em dois’



Estes resultados sugerem que crianças Karajá partem da composicionalidade do distributivo da língua produzindo, assim, uma estrutura quantificada especificada cardinalmente, como visto em (5), para posteriormente

fixarem o valor genérico atribuído à *sohoji-sohoji*, como visto em indivíduos adultos.

3.2 Experimento piloto 1: processamento adulto

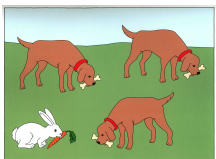
Para observar se *sohoji-sohoji* carregaria em sua semântica a força quantificacional do operador $\forall$, elicitei algumas sentenças com dois consultores Karajá a partir de imagens estímulo do subteste relativo aos quantificadores provenientes do manual de Roeper, Seymour & Villiers (2000), o *Dialect Sensitive Language Test* ou DSLT³. A seguir explicitarei a metodologia, materiais e resultados obtidos a partir desta testagem.

3.2.1 Participantes

Dois voluntários participaram deste teste: o barqueiro Xirihore (38 anos) e o professor de língua Karajá Leandro Lariwana (43 anos).

3.2.2 Metodologia e materiais

Foram apresentadas vinte imagens, uma por vez, e foi pedido ao consultor para que a descrevesse na língua Karajá. Logo após, caso o distributivo não fosse utilizado, eu testava a possibilidade de utilizar *sohoji-sohoji* para descrever a figura elicitada. Os materiais eram compostos por quatro grupos de imagem de acordo com as condições descritas na tabela (1) abaixo:

1 indivíduo por item + figura extra (cachorro-osso)	(Tfig)	
1 indivíduo por item + item extra (menina-pirulito)	(Titem)	

³ Este manual reúne uma série de imagens utilizadas pelos autores em testes para averiguar a aquisição de diferentes estruturas gramaticais do inglês. Como as imagens são bem simples e claras, podem ser utilizadas como materiais para testes em outras línguas, como o Karajá, por exemplo.

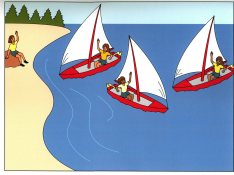
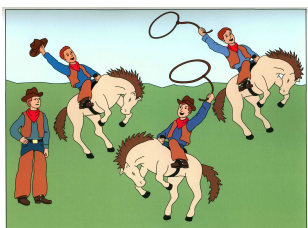
1 indivíduo por item + indivíduo extra (menina-barco)	(Tind)	
Distratora	(Dist)	

Tabela 1: imagens e condições do teste DSLT

Assim, de acordo com a tabela (1) acima, haviam três grupos de imagens teste: (Tfig), (Titem) e (Tind), além do grupo de distratoras. Para as condições (Tfig) e (Titem), a predição era a de que os consultores utilizassem o distributivo *sohoji-sohoji* para descrever as imagens, uma vez que a distribuição de indivíduos por item não era prejudicada pela figura ou item extra presente na imagem. Já para a condição (Tind) era esperado que os consultores rejeitassem o uso de *sohoji-sohoji* já que o indivíduo extra presente na imagem inibiria uma denotação universal ($\forall$) para o distributivo em Karajá.

3.2.3 Resultados e discussão

As condições (Tfig), (Titem) se comportaram como o esperado, pois mesmo quando o falante não utilizava o distributivo *sohoji-sohoji* em sua primeira sentença para descrever o cenário, posteriormente, durante a checagem de gramaticalidade, era aceito o uso de *sohoji-sohoji*. Já para a condição (Tind), cuja expectativa era a de não permitir o uso de *sohoji-sohoji* uma vez que o indivíduo extra infringiria a semântica do operador $\forall$, surpreendentemente foi natural a utilização de *sohoji-sohoji*, inclusive para a maioria dos itens foi a primeira sentença emitida pelo consultor. Caso esta predição seja confirmada, deveríamos repensar a denotação de *sohoji-sohoji*. Nesta caso, o distributivo em Karajá não seria um quantificador *portmanteaux* já que não carregaria em sua semântica o operador universal $\forall$, permitindo, assim leituras não exaustivas. Tal como podemos observar no exemplo (6) abaixo.



(6) Wairu mahadu sohoji-sohoji-my awaru tyrèki r-ỹ-i-reri.

vaqueiro grupo um-um-PosP cavalo sobre 3P-VT-raiz-PRS:CONT

'O grupo de vaqueiro fica sobre cavalo de um em um'

'Cada um do grupo de vaqueiros está sobre o cavalo'

Considerações finais

Nesta trabalho, vimos um pouco da semântica do numeral reduplicado distributivo *sohoji-sohoji* através de dados obtidos em campo por meio de elicitación e de dois testes piloto, um aplicado com indivíduos adultos e outro com crianças nativas da aldeia Hawalò (TO). Os dados obtidos até aqui são instigantes pois parecem sugerir algumas previsões para a denotação semântica deste quantificador, como: (i) **o distributivo *sohoji-sohoji* é um quantificador especializado em nomes contáveis**; (ii) **é utilizado de forma generalizada** mas parece haver marcação de cardinalidade durante o processo de aquisição; (ii) este operador **não exige uma leitura universal sobre os indivíduos** distribuídos no evento, como é sugerido em trabalhos formais sobre o tema. Contudo, estas são predições preliminares uma vez que os testes piloto aqui apresentados precisam ser aplicados com um número maior de sujeitos para que possamos obter dados mais consistentes que suportem tais afirmativas. Além disso, estamos desenvolvendo um teste experimental com metodologia de eletroencefalograma (*E-prime*) para averiguar de maneira mais precisa aspectos semânticos relativos ao processamento deste operador distributivo do Karajá em indivíduos adultos a fim de obter dados relevantes que possam dialogar e contribuir com as teorias atuais sobre quantificação distributiva colocando, desta forma, o estudo das línguas indígenas brasileiras no cenário da psicolinguística experimental.

REFERÊNCIAS:

GIL, D. Universal Quantifiers and Distributivity. In. Quantification in Natural Languages, ed. by E. Bach, E. Jelinek, A. Kratzer, and B. H. Partee. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 321-362. 1995

_____. Distributive Numerals. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) The World Atlas of Language Structures Online. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. 2014

disponível online em <<http://wals.info/chapter/54>> acessado em 2014-10-28

MAIA, M. Aspectos tipológicos da língua Javaé. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ. 1986

OLIVEIRA, C. O Processamento da Dêixis em Karajá, 107p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010

ROEPER, T., SEYMOUR, H., de VILLIERS, J. Dialect Sensitive Language Test (DSLTL), (unpublished pilot edition). San Antonio TX: The Psychological Corporation, 2000

Sobre quedê a Yonne

Miriam Lemle

Caros colegas e alunos da Linguística e da Antropologia:

Estou chegando em casa da missa de trigésimo dia da Yonne.

Estou agora chorando desbragadamente, de luto pela ida-embora dela, pois a ressurreição que eu esperava hoje não veio não.

Puxa vida.

Quando alguém morre tem que haver, né, algo que resta dela.

Ela não se acha em céu de santo, mas na mente-corção de quem fica e conviveu com ela.

Está aqui com nós a alma da Yonne, agora, dentro de nós, seus parentes, empregadas colegas, amigos, alunos, funcionários...

Essa não morrerá nem mesmo quando morrermos nós todos, pois aquelas notas musicais dela já passaram pra outros violinos, pianos, pandeiros, flautas, tambores, morfemas, alofones, almofones...

Nessa alma orquestral ninguém falou, e por isso estou chorando.

Não pensem que sei fazer aquilo que me fez falta.

A alma da Yonne foi generosa.

Ela chegou um ano antes de mim no Departamento de Antropologia do Museu Nacional.

Me recebeu numa boa, ou melhor, numa ótima, quando lá cheguei, com o mesmo desejo que a levou lá: continuar a estudar.

Juntas, ali, fomos discípulas dos linguistas que estavam no circuito, na década de 60.

Os linguistas do Summer Institute of Linguistics nos deram muitas aulas de fonética e fonologia, e morfologia e sintaxe.

Depois, cada uma perseguiu seu crescimento acadêmico, e vestimos com toda garra a carapuça de ajudar a criar a primeira pós-graduação em linguística do Brasil, que foi a nossa. Ainda estava por aqui o nosso querido professor Mattoso Câmara,

e depois veio o Aryon Rodrigues. Na década de 60, isso.

Mas não é na história da pós que quero recuperar a alma da Yonne.
É no empenho dela com as pessoas que o violino dela tocava forte.
Ela me deu a mão quando cheguei,
puxou a Bruna pra dentro um pouco depois,
ajudou muitos alunos a se encontrarem,
foi para a aldeia Tapirapé e descreveu a gramática,
lecionou muito, publicou,
assumiu lideranças administrativas,
vejam só o tamanho dessas energias.
Yonne, você está em mim, vivinha da silva.
Com a tua voz, a grande gargalhada, a lucidez política,
com a tua seriedade em tomar responsabilidades complicadas,
com o teu coleguismo, empenho sincero, idealismo terreno,
aquele que se materializa no chão.
Voce, Yonne, ainda está por aqui, acima do plano do chão,
andando com nossas pernas, falando com nossas bocas,
nos soprando forças dentro da alma.
Eu queria te agradecer, Yonne.
Muito obrigada, viu?
Miriam



Revista Linguística Rio

Volume 1, Número 2, 2015

ISSN 2358-6826

Editores

Thiago Oliveira da Motta Sampaio

Isabella Lopes Pederneira

Nathacia Lucena Ribeiro

André Felipe Cunha Vieira

Conselho Editorial

Prof. Dr. Anieli Improta França

Priscilla Thaiss de Medeiros



Foto: Zeca Guimarães

1935 *

Yonne Leite

† 2014